

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO WIMBRO

DIRECTOR — DOMINGOS GLYNPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Um dia de repouso em cada semana.— O projecto do sr. Tertuliano Coelho.— Os obstaculos á execução das nossas leis.— Considerações em nome da experiencia.

Ninguém mais contesta que o organismo humano, composto de carne e osso, coisas delicadas e frageis, possa ser, sem remissão, explorado.

Tudo o que exerce uma actividade, seja um mecanismo de aço, de bronze, seja um simples instrumento, se gasta, se consome, se desmantela, se inutiliza, si não tiver momentos de repouso para os reparos, os meios de conservação imprescindiveis. É o aço, o ferro, o bronze se concertam; uma peça gasta póde ser substituida; as juncturas frouxas pódem ser ajustadas; os dentes de uma entrosagem facilmente se substituem; calça-se um machado, renova-se a tempera de uma faca; mas não se reparam facilmente musculos fatigados, não se fornece ao cerebro o phosphoro esbanjado ou demasiadamente consumido pelo abuso; não se restauram os figados, os coraçãoes, os pulmões, os olhos, atacados pelas innumeradas e fataes molestias do trabalho e dos seus excessos.

Si isso não se contesta, a preocupação de proteger a saúde das classes operarias representa uma aspiração generosa, digna do apoio dos philantropos. O homem, burro de carga, escravizado ao trabalho pela necessidade, bem merece a solitudine dos propagandistas do repouso, no sentido de obter uma efficaz refórma dos nossos costumes, no que concerne á regularisação legal dessa materia.

Antes de tudo, convém lembrar que as disposições da lei sobre o assumpto teem tido execução ephemera, caem rapidamente no olvido e morrem pela condemnação da indifferença dos proprios beneficiados.

O homem é um mecanismo dotado de intelligencia, de vontade, cujos actos não obedecem, rigorosamente, ao instincto de conservação que predomina compulsoriamente na vida, na actividade dos outros animaes.

Por isso, já disse alguém, com uma grande clarividencia de observação, que o tamanho do trabalho deveria ser marcado pela bitóla da necessidade, mas o homem não vive sómente ao jugo dos impulsos physiologicos; elle é dominado pela ambição, que tanto póde ser a causa essencial de movimentos bons, como de movimentos detestaveis, ambição que tanto se póde attenuar em simples previsão, como se exaggerar em sede insaciavel de

lucro, augmentando ferózmente na razão directa das suas conquistas, dos seus resultados effectivos, recolhidos em medidas abysmos, medidas que não teem fundo.

Esses defeitos da natureza só poderiam ser corrigidos pelo prestigio de uma forte sancção moral. Elles são superiores ás leis, aos meios coercitivos da auctoridade publica e as penas dos codigos de posturas são leves ameaças ridiculas que os não attingem.

No tempo em que todo o mundo acreditava em Deus e se submettia aos seus preceitos, a intervenção de beleguins e fiscaes não era necessaria para serem guardados os domingos e dias de festa indicados pela Santa Madre Igreja nos seus mandamentos. A gente não trabalhava no domingo porque o Creador, com o seu exemplo, ensinára que se deve repouzar depois de seis dias de trabalho, e aquelles que infringiam o preceito peccavam, incorriam em penas eternas, abdicavam a delicia da venturosa ociosidade definitiva, que é o precioso premio dos justos, no outro mundo.

O temor de Deus, porém, foi esmorecendo, principalmente nos grandes centros de população e, com elle, essas obrigações moraes que eram um poderoso freio governando as consciencias.

De uma feita que censuravamos um trabalhador, lubrificando de suor, curvado ao esforço do manejo de uma foice, sob os raios mortaes de um sol de matar passarinhos, isso num festivo domingo, elle respondeu, com máus modos, que os anjinhos não viriam das nuvens cortar o capim para os burros. Demais, a Igreja estava separada do Estado...

Essa irreverencia continha na sua grosseira fórma uma justificação irrecuzavel. Uma vez que os burros, como os homens, necessitam de viver e si o alimento é necessario á vida, forçosamente deve haver quem lh'o proporcione, quem trabalhe para isso enquanto elles repouzam aos domingos.

O homem é um animal livre que póde uzar e abuzar dos dons de que a natureza o dotou, mesmo em prejuizo proprio, dos seus meios de acção, da sua saúde. Disso resulta a difficuldade de lhe fazer o beneficio do repouso dominical ou da fixação das horas de trabalho. Um axioma juridico reza que «invito non datur beneficium.»

E' preciso ainda considerar as relações juridicas do que offerece o seu trabalho e daquelle que o remunera. Este propõe que o primeiro lhe forneça um trabalho de dez, de vinte horas; aquelle

acceita livremente essa condição e, no pacto que se estabelece, não podem intervir considerações humanitárias, generosas considerações de preservação da saúde, da vida do trabalhador.

Por outro lado, si o trabalhador allega que não lhe convêm tantas horas de esforço, que será uma imposição barbara, injusta, o remunerador, o patrão, está no seu direito recuzando-lhe a diminuição de horas, ou o augmento de salario. Dirá que o operario tem o direito de ir bater a outra porta, que elle, patrão, tem o direito de procurar outro que o substitúa, e esse outro, o competidor, forçado pela necessidade ou pela ambição, não faltará; acceitará o pão que o antecessor rejeitou por muito caro.

A sancção unica da barbaridade dos patrões seria o phenomeno economico da offerta de trabalho menor do que a procura porque, nesse caso, o trabalhador dictaria as suas condições.

E, entre nós, o trabalho poderia fazer imposições, si fôsse protegido pela solidariedade dos interesses dos que o fornecem. Assim, o operario seria o principal executor sinão o fiscal de repouzo.

* * *

Occorrem-nos essas considerações da discussão do projecto de um intendente municipal, que descobriu o meio de garantir aos empregados do

commercio um dia de repouso em cada semana, escolhido pelo patrão quando pedir a licença para o seu estabelecimento commercial.

A execução da lei projectada será entravada pelos mesmos obstáculos que reduziram a lettra morta leis anteriores. Um sem numero de fraudes burlará os beneficos intuitos do legislador, e o mal ostensivo, que é, passará a ser aggravado porque será clandestino.

O caixeiro, por exemplo, em vez de gozar o seu feriado legal ao ar livre ou repouzar no doce ocio, será forçado a arrumar, a limpar o armazem fechado, como succedia no tempo da observação do domingo, ou o negocio continuará por portas escuras, escondidos á vigiligancia dos cerbéros da prefeitura.

Convém ainda ponderar que os habituados ao trabalho não gostam de repouzar, vendo outros, os parceiros do mesmo officio, trabalharem. Dahi, decorre a superioridade do suéto collectivo, geral, em que os amigos se encontrem, se divirtam.

Isto não envolve censura ao projecto do illustre intendente; prognostica apenas, com as incontestaveis demonstrações da experiencia, que elle será um vão esforço, uma nobre tentativa, esteril como muitas outras, despidas de meios coercitivos, desprovidas de sancção effectiva.

POJUCAN.

YANKEE DOLLAR

Da orla do mar aceano até quasi o sopé da cordilheira alterosa, coroada de fogo e neve, dilatavam-se os latifundios de Braz Latino.

Eram terras vastas e fertéis, de lavoura e de pastagens, que se desdobravam numa successão de mattas espessas e gordos campos, sulcadas de grandiosos rios, que ora rolavam sobre areias auríferas, ora se despeñavam pelas serras abaixo em retumbantes cachoeiras. Chamavam-se Eldorado, e porque Braz, como senhor de tantas riquezas, não pudesse descer de sua origem ancestral, ultimo rebento da grande arvore dos Cruzados e dos Navegadores, para tratar de coisas prosaicas, quatro amigos dedicados, num esforço proficuo, zelavam com solícitude pela sua prosperidade: eram John, Etienne, Andréa e Wilhelm. Filhos, embóra, de muito longe, o altruismo os impellira áquellas plagas selvagens para felicidade do Braz. Por isso, o senhor de Eldorado poucas relações entretinha com os pro-

prietarios da redondeza, invejosos daquellas amizades.

John era gordo e fleugmatico. Sua pessoa rubicunda e pezada, apologia viva do *bife* e do vinho do Porto, desfazia-se em ferro, em carvão, em ouro, para a prosperidade do Braz. Etienne, sua antithese, alegre e folgazão, cheio de graça e gentileza, vivia numa dobandoura perenne para mimosear o amigo com finas roupas elegantes, livros galhofeiros e quadros picarescos.

Não houve recanto de Eldorado onde não resoassem os elogios aos dois incansaveis amigos.

— John — dizia o Braz — fornece-me o pão para o corpo; Etienne dá-me o pão do espirito.

Sabia, porém, avaliar a grandeza de cada um dentro da respectiva orbita, sem que desmerecesse os prestimos dos outros dois amigos.

Moreno e forte, tilintante de brincos e amuletos, Andréa abarrotava de grãos de rubiaceas os celleiros do dominio, quando não enchia de lyricas harmonias, arrancadas com bravura da garganta afiuada, os salões do palacio do Senhor de Eldorado, que não sabia

porque mais estimal-o, si pelos grãos, que tinha em grande conta, si pelas cantilenas, delle tão amadas.

Wilhelm transportava o amigo ao infinito do sonho e da phantasia, graças a um nectar dourado feito no bojo de immensas cubas; nos intervallos, seu cuidado era a segurança de Braz, fundindo sem cessar armamentos complicados que o defendessem de seus arrelientos visinhos.

Com a mesma largueza, eram todos retribuidos em mudas phrases de papel-moéda, que se convertiam em musica metallica e sonnante.

No egoismo dos fartos e felizes, Braz ollhou sempre desdenhoso para a trefega visinhança, que mal podia conter a inveja e soffrear os impetos de esbulhal-o. Embóra de vez em quando o assaltasse a desconfiança, porque era desconfiado ás vezes, seguia á risca os conselhos dos amigos e os retribuia com a costumeira liberalidade, propria de tão grande e opulento donatario. Nessas occasiões, a gente que habitava Eldorado via Cambio, o secretario de Braz, subir e descer sorrateiro as escadas do pala-

cio, no afan de bem retribuir aquella illimitada afeição.

Por via de regra, os quatro amigos propunham a Braz Latino a realisação de coisas grandiloquas, de coisas immensas. Primeiro, John :

— Não é possível, meu caro Braz, que continúes a correr a pé os teus dominios. Porque não faremos uma ferro-via ?

Sim, tinha razão o amigo John ; já tinha pensado nisso. Etienne intervinha :

— O interior do palacio... aquillo está velho, amigo Braz, já não se uzam aquellas porcellanas ; os tapetes e as mobílias estão pedindo outras, arte-nova, como se uza agóra.

O bondoso Braz franzia o sobrolho, numa attitude de quem resiste. Elles insistiam ; era necessario, era indispensavel :

— Sim, eu sei ; mas é o diabo, uma massada.

— Nós faremos tudo, massada nenhuma.

— Não tens que te incomodar.

— Bem ; está dito, arranjam isso, mas não me amolem. Quando fôr a inauguração me previna.

Outra vez era Wilhelm :

— Arma-te Braz, tens inimigos que te invejam e cubiçam os teu cabedaeas.

— Estás hoje tetrico, Wilhelm. Perigo ? Quat, isso é brincadeira tua. Vamos lá, que cataclysmo é esse ?

E olhava o outro, esboçando um sorriso de mofa. Wilhelm contava-lhe os sinistros intentos da visinhança cubiçosa, o esbulho imminente, o saque, a ruina, não terminando a negra narrativa enquanto o amigo não deixasse a seu cuidado o preparo dos meios de defender Eldorado.

Nesses dias, Cambio subia e descia, numa azafama constante, para que os bons amigos, com toda a amplitude, pudessem vêlar pela commodidade, elegancia e defeza de Braz Latino.

* *

Assim correram decennios. Os filhos mais moços de Braz attingiram a puberdade, os mais velhos vegetavam. A's vezes, aventuravam timidos protestos contra a famelica afeição, nunca saciada. Mas em vão : o velho não os attendia.

Em meio dessa amigavel beatitude,

surgiu em Eldorado um personagem bizarro. Era um typo alto e esguio, pernas finas e longas, olhos zarcos e compridas suissas louras. Bizarramente mettido numa casaca de listras brancas e vermelhas, cobria a perfurante figura com nma cartola estrelada, á sombra de cujas abas a bocca se lhe abria em diabolicos sorrisos emmoldurados em largos dentes amarrellos.

Não se preocupou Braz Latino com a apparição do intruso em seus dominios. Debalde, os amigos falaram-lhe delle; limitou-se a retorquir-lhes com enfado :

— Deixem o homem. Minha divisa é a hospitalidade e Eldorado é uma hospedaria onde ha logar para todos.

O sujeito poz-se a correr Eldorado, e perplexos ficaram todos ante a originalidade de suas proezas. Mas o que mais maravilhou a próle senhorial foi o extranho alforge donde elle tudo tirava, desde a panacéa rosada, curadora dos males presentes e futuros, até a fluidica corrente que produzia a força e a luz, na louvavel intenção que tinha o forasteiro de amparar e alumiar os que delle se acercavam. Jonathan era o seu nome e Yankee Dollar o de seu alforge.

Engenheiro, marujo, artista e sabio, pois que dentro de Yankee Dollar trazia, em notas bancarias que valiam ouro, a arte suprema e a suprema sciencia, Jonathan alicerçava sobre esse prodigioso talisman sua reputação, conquistando a estima da progenie do Braz. Era mesmo prazenteiro e amavel : quando um dia a Mnlata Velha, primogenita do Senhor de Eldorado, requebrou deante delle um *maxixe* dengoso, atirou para o lado o alforge, e, espancando o ar com as pernas esguias, revelou em saltos magnificos, saltos difficeis, a sua habilidade de dansarino mestre, afeito a saltar sobre as conveniencias alheias.

Tanto os filhos gabaram as artimanhas do recémvindo, que Braz Latino o quiz conhecer de perto.

Foi cordial o encontro ; Jonathan estreitou o outro nos angulosos braços, tão fortemente que elle bem comprehendeu toda a força de sna futura amizade, e disse para si mesmo :

— Forte amizade arranjei !

Deu-se Jonathan a conhecer como

parente do Senhor de Eldorado, descendentes que eram ambos da Mãe America ; sim, elle era sobrinho de Sam, o irmão do norte, de quem Braz tão afastado vivia.

— Precisamos solidificar nossa familia pela união, dando-nos fraternalmente as mãos.

Ao jantar, onde, desde o cardapio até á ornamentação, a proficiencia amiga de Etienne se revelava, Braz lamentou-se dos muitos afazeres e cuidados que a vastidão de Eldorado lhe impunha.

— Porque não adoptas o systema do tio Sam ? Divides Eldorado pelos filhos ; cada um se encarregará da sua parte, dividindo os lucros contigo.

Braz protestou :

— Para longe o agouro ! Isso é uma herança em vida.

— Pieguices ! E' assim que vive o tio Sam, forte, farto e sem lamurias. Faze o mesmo ; contentarás a próle e viverás sem cansaço.

— Uma especie de sociedade.

— Meu tio Sam chama a isto um syndicato.

— Pois vale a pena tentar a experiencia.

— Experimenta, — concluiu Jonathan — segue o meu alvitre, e Eldorado irá de vento em pópa.

E a experiencia foi feita. Ao amanhecer do dia seguinte, um bello dia de novembro, de sol e de calor, os filhos de Braz souberam da subitanea resolução do pae, ainda extremunhados de somno. Grande foi a alegria de todos, vendo-se assim, inesperadamente, investidos duma precoce maioridade e na plena partilha duma fortuna colossal.

Como aos outros amigos, não agradeu a Etienne a mudança ; mas como fôsse de genio jovial, não tardou que se desannuviasse e fôsse em auxilio de Jonathan, collaborando com elle na generosa tarefa de felicitar o Braz. Logo pintou uma nova taboleta para substituir a antiga na porta de Eldorado e emprestou muitas coisas que tinha guardadas no fundo da mala, ou vindas expressamente do seu sortido bazar de Paris de França.

Foi uma metamorphose de extremo a extremo de Eldorado. Cambio cessou de andar aos bolcós, subindo e des-

cendo, e, acastellado no seu alto banco, contemplava de cima a phantasmagoria do ensilhamento, atirando para baixo pedaços de papel multicores que valiam ouro e que a gente do dominio apanhava com soffreguidão.

Não tardaram a brotar os espinhos entre as flôres do surto collossal. Da partilha provieram rixas que tiraram o somno e a tranquillidade á familia, antes tão unida e pacata, e Braz, desilludido, malsinava a sua precipitação. No oceano de grandezas que de subito innundava Eldorado, tinha succedido á maré montante da fortuna a rápida vasante com que ninguém contava, e tantas vicissitudés quebrantaram afinal o animo de Braz, sem que a pharmacopéa caseira lograsse reerguel-o.

Sabendo quanto Braz se deixava influenciar pelas cambalhotas de Cambio; debalde appellaram para elle. Mas o velho jogral, desconsolado, descera das altitudes onde se acastellára, jurando a ellas nunca mais se guindar :

— Não subo, *me deixem*, não subo.

Wilhelm tentou umas injeccões teutas nas pernas do enfermo, mas a molestia se aggravou; o doente delirava, falando allemão.

Era um novo morbus naquelle organismo sadio: a quebradeira. John acudiu; um medico famoso por elle arranjado, o dr. Fundingo, ministrou ao enfermo, em doses de libras, o especifico sterlino, cujos effeitos beneficos se patentearam; Cambio tambem agiu, subiu, e esse movimento do pelotiqueiro acabou de levantar o physico e o moral do Senhor de Eldorado, cuja maior alegria era vel-o aos saltos.

Em breve, o corpo de Braz readquiria o vigor, e as panacéas amigas o punham em franca convalescença.

Durante a enfermidade, tinham-se suspendido as obras e paralyzados os serviços de Eldorado, porque todos os recursos eram poucos para os gastos da pharmacia estrangeira.

Porfim, a alta auciosamente esperada chegou, mas quando Braz alongou a vista pela immensidade dos seus dominios, viu com pezar o abandono em que tudo ia, e interpellou a prole :

— Que fazem vocês, corja de vadios? Foi para isso que reparti em vida as minhas riquezas?

E ficou silencioso, ante o mutismo dos filhos. Atravéz dos nimbos do futuro, parecia ver um Eldorado differente daquelle; e a visão phantastica se foi tornando nitida e em pouco já não era outro Eldorado, mas aquelle mesmo, por onde o Progresso abria largos caminhos, que a força, a intelligencia e o trabalho percorriam de mãos dadas, semeando riquezas; fabricas se desennovellavam em fumaradas, forjas faiscavam incendiarias, num interrupto barulho metallico que martellava o espaço; navas esguias sulcavam as aguas, até então desertas, afundando ao pezo de enormes fardos, portadores do util e do superfluo; locomotivas corriam, na grande vertigem devoradora das distancias, vendo as casas crescerem e desaparecerem nos semfins do horizonte. Por todo o Eldorado perpassava uma rajada de progresso, levantando a aurea e adamantina poeira daquelle terra feraz num espesso simoun de miragens extranhas e grandiosas.

Então, como que inspirado, convicto da propria grandeza, murmurava a si mesmo :

— Hei de fazer grandes coisas...

Toda essa noite, passou-a numa evocação de phantasias novas que completavam a diurna miragem, e quando de manhã se ergueu, lepido e satisfeito, como si o animasse um poderoso vigor, tinha o ar triumphante dum realizador de sonhos e de idéas. Como, porém, dar á luz aquella sciattillante progenie, si lhe faltava o Dinheiro, pae do Progresso, avô da Civilização? E as grandezas incubadas em seu cerebro de sonhador goravam á mingua da força geradora. Como a um velho decrepito, faltava ao Braz o elemento, a seiva para a necessaria fecundação donde brotariam tantas magnificencias.

Debalde varejou as arcas; estavam vasias como o proprio vacuo. Então, desconsolado, o opulento Senhor do immenso Eldorado, poizou successivamente sobre os filhos o olhar prescruador, e os viu magros e maltrapilhos, num lastimavel contraste com as galas, as louçanias da natureza.

Veio-lhe um enervante desconsolo,

tédio inexplicavel do passado, aversão infiltrante pelos amigos de outr'ora.

E nesse momento mesmo os viu ao longe, nédios e fartos, numa infima palestra, acampados no dominio, não com a timidez de hospedes, mas com o desembaraço de donos. Quiz ouvi-los.

— Amigo Wilhelm, como vão teus trabalhos pelas terras da Catharina? — perguntava Andréa.

— Maravilhosamente, *ya*, maravilhosamente. Estou alli como em terras proprias. Si ellas já nem parecem pertencer a este pascacio do Braz.

— Você váe a passos de gigante — observou John.

— Vem de lá com as tuas manhas, leopardo faminto. Julgas que não sabemos dos teus trabalhos de sapa?

— Apparencias, méras apparencias. O Braz anda desconfiado, é preciso geito. Os juros é que me valem.

Etienne interveio :

— Emquanto o Braz se contenta com dizer: «o meu uberrimo Eldorado», «os meus proverbias thezouros», vocês o vão amigavelmente espoliando.

— Pois deixal-o com a sua mania. O mundo pertence aos fortes, e nós...

— Mas o Braz... — objectou Andréa.

— Ora, o Braz! — exclamou Wilhelm.

— Na verdade — proseguiu John — não tenho os designios de Wilhelm; mas, em todo o caso, não se me dava...

— Deixa-os falar, John, esses moralistas; não fazem o mesmo porque não pódem, mas nem por isso fazem menos do que nós. Não vês a zurrapa que bebe o Braz, as sedas de algodão que elle veste, todas as contrafacções que uza? Quem lh'as fornece? Etienne e Andréa.

Riram muito os quatro.

— Pois não haveriamos de tirar proveito!

— Pobre Braz!

— Ora, o Braz: uma zebra!

O Senhor de Eldorado ouviu estatelado o alegre concilio; sentiu como que um formigueiro fazer-lhe cocegas no brio; mas, como era de natural cauteloso, adiou para mais tarde o justo desabafo e foi seguindo a ruminar desaforos.

— Villões, canalhas! Eu os curo, grandes tratantes.

Parecia-lhe ver pela vastidão de seus domínios consumir-se a diabólica pilhagem: Wilhelm, do sobrado da casa, dando ordens para baixo, como senhor daquillo tudo; John, calcando os lhanos com pezadas chancas illôas, a estender uma cerca, como si os apartára para si; e eram vózes em linguas extranhas, porque entre os trabalhadores de suas terras levantava-se uma Babel que elle, na sua cegueira, não vira construir.

Em caminho, encontrou Jonathan, que lhe disse:

— Bellas terras, tio Braz, preciosas terras! Precizamos melhorar isto.

— E querem disto me esbulhar estes quatro salteadores.

— Não lh'o dizia? Bem o previni; não lhe importou... Mas não é caso para lastimas. Aqui estou, confie em mim.

— Obrigado, Jonathan; você, sim, é parente e amigo.

Braz allegou então a falta de meios, ouro, unico eixo em torno do qual giram as rodas do Progresso, que movem o carro da Civilização.

Jonathan abriu Yankee Dollar, e o dinheiro jorrou do magico alforge.

— Eil-o, amigo Braz, quanto queiras; Yankee Dollar é inesgotavel.

Braz commoveu-se. Braz facilmente commovia-se. Com os olhos arrazados de lagrimas, uiron o dinheiro. Tanto as lagrimas lhe empanaram a visão que o fizeram divizar Jonathan sobre um confuso pedestal de ouro, do alto immenso, inaccessible do qual dominava Eldorado.

Pelos tempos seguintes, não cessou Braz Latino de alardear seu altaneiro desprezo contra os amigos traídores, fazendo-lhes picuinhas de creança vingativa, contrariedades systematicas ás idéas dantes tão bem acolhidas. Os quatro seui-senhores de Eldorado sentiam fregir-lhes das garras a beatífica partilha, e sobre Jonathan apontavam as suas iras, adivinhando nelle o concurrente feliz.

— Isto é obra do pernalta intruso — dizia Wilhelm aos outros.

— O biltre é insaciavel — accrescentava John — é preciso desalojar-o.

Mas o sobrinho de Sam avultava, de dia para dia, no conceito de Braz, deslumbrado pelas suas artimanhas de saltimbanco do Progresso. Si bastava que elle pronunciasse o *fat lux* imperioso para logo irem surgindo do bojo magico de Yankee Dollar, subitas e inteiriças, todas as coisas estupendas que Braz sonhára fazer! Surgisse elle, por acaso, em algum ignorado recanto do vasto dominio, nunca pizado por seus pés-senhoris, e lá iria encontrar o incansavel parente, em mangas de camisa e calças de listras, plantando sollicitamente alguma nova maravilha arrancada ás entranhas do satanico aparelho.

Foi numa excursão assim que o Senhor de Eldorado, chegando ás margens dum rio, tão largo que parecia um mar, encontrou Jonathan dormindo tranquillamente á sombra de sua ampla casaca, estendida sobre quatro esteios, á guisa de barraca; ao lado, servindo de espantalho aos mosquitos, a cartola estrellada, balouçando na ponta dum bambú, como pendão de conquista plantado naquellas paragens desertas.

Braz sentou-se e olhou: o rio rolava, espadanando e rugindo entre fraguas, sem perturbar o somno pezado do forasteiro; nas reentrancias das margens, a agua, em remanso, ondulava suavemente, indo marulhar de encontro ás dunas de areia que alvejavam ao sol com scintillações de ouro; em roda, a floresta espessa farfalhava as grimpas banhadas pela luz ampla do astro-rei e, emquanto as folhas ahi se agitavam, como placas de ouro redemoitihando ao vento, em baixo, no recesso da sombra, a folhagem verde negra, completamente immovel, parecia adormecida no rumoroso silencio das mattas tropicaes.

De repente, uma flotilla de canoas surgiu numa volta do rio, impellidas pelas remadas vigorosas de tripolantes estrangeiros; bem perto de Braz, elles saltaram, empunhando pás e alviões. Inconscientemente sentiu um calefrio ir-lhe até os ossos, receioso dum ataque, — mas os homens passaram a seu lado, olhando-o com indifferença, como si o desconhecessem, e embrenharam-se na selva. Jonathan accordou e os dois seguiram caminho de casa.

Era setembro, e nesse dia passava o anniversario de Braz. Mas não havia festa, porque, emparedado na sua velha apathia, o opulento Senhor não sentia a alegria de viver; apenas um jantar, onde Etienne requintára de proficiencia no preparo e no arranjo.

Appareceram algumas novidades, affectuosas delicadezas da prole.

— Vamos, provemos o nosso vinho. — disse um filho.

Beberam todos, mas o Braz não gostou:

— Não chega ao do Etienne. — disse.

Fizeram-se os brindes e levantou-se a meza. Coube então a Andréa a tarefa de divertir por algumas horas o anniversariante com as suas melodias mellifluas e, quando o dia rompeu, Jonathan despediu-se de Braz.

Ia visitar o tio Sam, de quem, dizia, andava saudoso; mas prometteu voltar breve e como penhor de amizade deixou Yankee Dollar, para que delle se utilizassem.

Para espancar o tedio, Braz resolveu-se utilizal-o; mas, ao envez de Jonathan, que fazia as suas sortes magicas no silencio e na obscuridade, elle amava o ruido e o apparatus, e foi cercado da prole e dos hospedes que arrancou ao mysterioso instrumento a coisa unica no seu antro guardada — o ouro — resumo de todas as coisas do universo, como dizia o sobrinho de Sam.

— Vamos agóra fazer grandes coisas. — disse.

— Sim, nós faremos grandes coisas — confirmaram os filhos.

Logo se atiraram á faina, mas os sonhados portentos saíam morosos e rachiticos; sumia-se o ouro e Yankee Dollar minguava a cada vez que de novo o revolviam.

— Falta-me a paciencia para estas coisas — resmungava, desalentado, o Senhor de Eldorado.

Um dos filhos disse-lhe que o veio inexaurivel seccára.

— E' extraordinario! Nas mãos de Jonathan, o maldito alforge jorrava o ouro em catadupas, nas nossas foi se exaurindo até seccar de todo.

— E' porque, disse John, não sabes semear o ouro que elle vomita. Nem por ser magico, esse alforge deixa de ser como os outros: para que delle tires alguma coisa, é preciso que antes

a tenhas mettido lá. Tu, só, o esvasias Braz ; havia de acabar.

— Esvasio, sim, mas semeio.

— Semeias, mas a tua semente não fructifica, e Yankee Dollar só jorra o ouro quando o que delle são se multiplica.

— Pois seja, estou farto de massadas ; folgemos e gozemos, que ainda é o melhor meio de viver.

Todos concordaram, e Etienne e Andréa, embolsando o que restava, fôram engendrar folganças e comezainas para gaudio de Braz Latino.

Entretanto, Jonathan retardava o regresso ; mas de longe não esquecia de lembrar a Braz que tivesse cautela com os ex-amigos e se utilizasse do alforge com segurança e proveito.

Wilhelm guardava-o na lembrança com rancor ; John, porém, não partilhava a sua ogeriza :

— Deixa lá o rapaz, Wilhelm, é meu parente. Tem as suas soberbas, é verdade ; mas, no fundo, conserva e cultiva com carinho as bellas qualidades que os meus avós lhe transmittiram. O Braz...

— Ora, o Braz... Si lhe comessesmos todos os fructos do Eldorado, era até um descanso para elle.

— Não é preciso tanto, basta-nos comer a polpa e deixarmos-lhe as cascas— tornou Johu.

— Cá por mim, era capaz de comer o proprio Braz, com o seu Eldorado e tudo.

— Lá isso era, bem te conheço os appetites antropophagos.

— Que não são inferiores aos teus, grande maroto.

— Lembra-te, porém...

Calaram-se. Vinha passando o donatario. Elle tivera nesse dia, cansado das facecias de Etienne e dos almirés de Andréa, a curiosidade de saber o que ia pelas suas terras.

Mal se puzera a caminho, tudo lhe pareceu estranho ; ninguem se alvoroçava á sua passagem, como si já não fôra o supremo senhor daquellas zonas ; como estrangeiro, seguia sem entender a lingua que em torno falavam e até alguns filhos tinham deixado de comprehendel-o, mal o reconhecendo. E Andréa, Wilhelm e John caminhavam lepidos por entre as gentes de Eldorado, saudados e obedidos.

Acabrunhado e triste, Braz Latino volveu a casa, reconstruindo as peripicias da jornada com desconsolo de vencido, reavivando-as com a volupia torturante dos impotentes.

Porfim, Jonathan chegou em companhia de Sam e ambos, brandindo a lança dos paladinos, arvoraram-se em defensores do espoliado Senhor, que mal lhes podia agradecer.

— Grande amigo, quanto te devo, generoso amigo.

Sam respondeu :

— Não falemos nisso ; com o tempo, me pagarás. Eu aqui fico para te proteger e guiar.

Eldorado foi tomando nova feição. Debalde, Braz queria fazer alguma coisa, realizar algum plano ; Sam não o consentia, chamando a si toda a tarefa de mourejar pela grandeza sua, voluntario mordomo que velava com solicitude pelo progresso do dominio á sua guarda confiado.

E Braz se ia enfatiando daquella inercia ; impacientava-o a demora, almejava desvencilhar-se do geueroso importuno, esperando em vão o regresso, vendo sempre as suas riquezas partirem... e elle a ficar.

Um dia, finalmente, interpellou-o, de manso, com interesse de amigo :

— Quando partes, Sam ; deve prejudicar-te uma tão longa ausencia.

— Já não parto, apraz-me ficar aqui, pois fico.

Braz comprehendeu, então, aquellas sollicitudes, aquellas dedicações, todo o apego daquella ferrenha amizade que o ensombrava, que o esmagava. Sentiu-se fraco, entristeceu, de finhou e morreu.

Sam transformou o velho alforge em esquife e dentro encerrou o defunto.

Ninguem deu pelo enterro e quando Yankee Dollar desapareceu na terra com o cadaver de Braz Latino, Sam mandou arriar a taboleta suspensa á porta do Eldorado e, entrando na casa vasia, pacificamente substituiu-se ao defunto proprietario, indo assistir da janella á collocação da nova placa, onde se lia : *Eldorado-Succursal*.

Rio, 1906.

EDUARDO NAZARENO.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes» deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

APANHADOS

O ensino na Hungria O ensino secundario na Hungria váe, proxima-mente, soffrer uma refôrma radical. Até 1848 não havia sião um unico typo de ensino secundario, o do gymnasio, onde se estudava, quasi unicamente, o latim. Depois daquella data, fundaram-se as escolas reaes, no modelo das *realschule* allemães, onde se dá o que se chama actualmente o ensino especial ; os alumnos, depois de terem completado a educação secundaria, não podem seguir os cursos das universidades, isto é, não se podem tornar nem medicos, nem advogados, nem professores, sem prestar um exame complementar de latim.

Seria de muito proveito, hoje, para crear a igualdade e a união nas classes e para diminuir as differenças que separam as diversas nacionalidades, que não existissem sinão lyceus. E' esta a idéa fundamental que inspirou o projecto de lei elaborado pelo sr. Finaczy, membro da Universidade de Budapest.

* *

Um menino de 46 annos Falleceu em Wesbury Wilt, na Inglaterra, um «menino» que tinha completado os seus quarenta e seis annos. Apesar de parecer phantastico, nada é mais verdadeiro e se explica perfeitamente sabendo que esta estranha «creança» nasceu e começou a crescer normalmente no principio da sua vida, mas, quando completou 12 mezes, interrompeu o seu crescimento, tanto physica como mentalmente, razão pela qual seguiu vestindo roupas de menino e andando e brincando como uma creança dum anno. Até os alimentos eram dados como a um menino e era preciso ter com esse curioso anão physico e intellectual um cuidado extraordinario, como si elle não tivesse saído da infancia, não obstante os seus quarenta e seis annos.

* *

Os indios nos Estados Unidos Os esforços que tem sido feitos nos Estados Unidos para civilizar os pelles-vermelhas tiveram já excellentes resultados. Muitos desses indios fôram conquistados pela civilização e tem dado da sua intelligencia, da sua energia e da sua perseverança provas bem patentes. O sr. John M. Orkison, um indio cherokee, é um dos redactores do *Evening Post*, de Nova York ; J. N. B. Hewitt, cujos trabalhos sobre a linguistica, a mythologia e a sociologia dos indigenas norte-americanos são muito celebres, é um tuscara ; um descendente dos chefes

Kiowa, Lone Wolf, é capaz de occupar, com muito successo, uma cadeira de grego em qualquer universidade; Charels Curtis, um Pottawatomie, já senador, é o auctor da lei Curtis e doutras leis concernentes ás tribus indigenas, que transformam suas propriedades communs em propriedades individuaes, abolindo o governo familiar e fazendo daquelles selvagens cidadãos americanos.

**

Os subditos de Ednardo VII E' um facto curioso, mas muito pouco conhecido: Eduardo VII tem debaixo do seu poder mais mahometanos que o sultão da Turquia, mais judeus que os da Palestina e mais negros que qualquer outro soberano, salvo algum indigena da Africa.

**

Um grande ascensor O ascensor mais alto do mundo será o que se projecta installar para subir ao monte Hammet-Schwand, perto de Lucerna, na Suissa. Este ascensor irá até ao cume da montanha, que tem uma altura de 1.100 metros sobre o nivel do mar.

**

Pela paz universal No parlamento inglez, o deputado operario Virian, apoiado pela ministro dos Negocios Estrangeiros, o sr. Edward Grey, fez adoptar, por quasi unanimidade, uma resolução tendente a que o governo tome energicas medidas a fim de reduzir as despezas consagradas ao armamento, e insiste para que, na proxima conferencia de Haya, acordos internacionaes intervenham neste ponto.

Um publicista inglez, o sr. G. H. Perris, propõe que as despezas para os armamentos sejam limitadas por uma concordata commum, isto é, que os governos promettam não augmentar as suas despezas de guerra.

**

Varias O celebre inventor Thomas Edison não acredita no genio. Segundo elle, os grandes exitos são devidos a 2% ao genio e 98% ao trabalho pertinaz e constante.

*

Estão estabelecidas, actualmente, na Republica Argentina, 55 companhias de seguros, das quaes 31 são nacionaes e as 24 restantes estrangeiras.

*

A civilisação é prejudicial á longevidade dos cavallos; qualquer animal desta especie vive, em estado selvagem, de 36 a 40 annos, enquanto os cavallos domesticados não passam dos 25 annos.

Uma heroína de Dickens A protagonista da famosa novella de Charles Dickens, «Little Dorit», não só existiu como vive ainda: é a senhora Cooper, que foi companheira de infancia do grande romancista e que acaba de completar 94 annos no seu retiro em Southall, onde já passou 60 annos da sua existencia,

**

Cruzador japonês Os japonezes acabam de lançar em Kure, com grandes festas, um novo cruzador encouaçado, o «Tsukuba», que é o primeiro construido, por completo, no Japão, sem o auxilio de nenhum estrangeiro.

**

Machiavelismo Charles Benoit, na *Revue des Deux Mondes*, diz muito bem do machiavelismo, porque o que «elle encerra de eternamente e universalmente humano, de eternamente e universalmente real e, por conseguinte, de politica, não cessou de viver e de agir. Não sómente os francezes teem ouvido duas vezes, acima dos Alpes e para lá do Rheno, lançar o grito que ressuscita os povos, mas duas vezes elles viram se levantar o homem que devia apparecer, Bismarck ou Cavour; duas vezes este homem foi o Principe, tal como Machiavel o tinha annuciado, grande dissimulador, grande conhecedor da occasião, collaborador avisado da Providencia, leão e lobo; ás vezes, mais leão que lobo; ás vezes, mais lobo que leão».

**

A decadencia da guerra Um pacifista fez o calculo seguinte: nos livros de historia que as escolas norte-americanas uzavam entre 1843 e 1885, aprecia-se a parte consagrada ás narrações de guerras e se verifica que a parte bellicosa dos livros está numa proporção de 40%. De 1885 a 1897, os livros de historia que appareceram já não tratavam muito de guerra; esta parte é de 28%. Finalmente, nos ultimos volumes, o numero de paginas cheias de historias de guerra não é mais do que 24,7%.



A LIVRARIA

«EVANGELHO DE MOÇO», LIVRO DE VERSOS, POR CORRÊA DE ARAUJO—OFFICINA DOS NOVOS, EDITORA—MARANHÃO—1906.

Vem escripto na capa do livro: Versos dos 18 aos 20 annos. Foi muito bom que o auctor puzesse alli aquelle não costumado aviso. E' necessario

conhecer-se tal condição para dar a esta obra o valor que lhe cabe.

Como livro produzido dos 18 aos 20 annos, o *Evangelho de Moço* é uma revelação simplesmente extraordinaria.

Não se tem difficuldade em ir entrevendo, através destas paginas juvenis, sinão todos os livros que o sr. Corrêa de Araujo perpassou, ao menos aquelles que mais o impressionaram até hoje. Seus versos são feitos do que elle tira de si, um tanto, mas ainda muito á maneira por que as abelhas fabricam o seu mel, quer dizer, são produzidos em bôa parte sob a impressão de leituras, como é natural e mesmo inevitavel na sua idade. O que o poeta por enquanto escreve não pôde deixar de ser imitação até certo ponto, embóra muito inconscientemente, talvez, e uão obstante todo o poder do seu talento.

Pelo conjuncto das influencias sensiveis no seu livro, vê-se que o jovem maranhense não tem uma cultura correspondente á de Alvares de Azevedo nem mesmo á de Castro Alves, quando elles estavam na idade que ora elle conta. Quer um quer outro desenvolveram-se em meios de muito mais forte intellectualidade do que é actualmente a capital do Maranhão, ao que parece a quem daqui de longe procura julgar.

Sem grande cultura por um lado, por outro ainda sem ter vivido, não podia ser que o sr. Corrêa de Araujo já produzisse com os seus versos uma impressão tão intensa como a que aquelles dois rapazes geniaes vieram cauzando desde o seu espontar. Ainda não se encontram no *Evangelho de Moço* producções absolutamente impressionantes, que bastassem por si para garantir uma gloria definitiva ao poeta, dentro da nossa litteratura, mesmo que elle nada mais viesse a produzir daqui por deante. Como eu já disse, dos seus versos é inseparavel a circumstancia da precocidade para se lhes dar todo o apreço.

Nem forte leitura nem principios sufficientes a um escriptor elle por enquanto possui. Até ainda commette erros de grammatica que não pôdem, de todo, ser perdoaveis.

Tal qual este seu livro é, no emtanto fala-nos de uma grande esperanza, como as maiores que tenham sorriso e hajam fructificado no Brazil.

Não conheço primicias de contemporaneos ou dos representantes de outras phases nas nossas lettras que proporcionem entrever-se uma natureza de poeta mais rica, mais complexa e mais poderosa do que estas paginas do *Evangelho de Moço* do sr. Corrêa de Araujo.

Elle não tem e parece que nunca terá o que se deve chamar uma fórmula

rara, ou antes exotica, preciosa. Desde agóra, é facil de sentir: o jovem poeta traz uma natureza antes normal, sem as idiosincrasias, os *tics* dos temperamentos não tanto aristocraticos como doentios.

Isso se vê desde o seu vocabulario, sufficiente, relativamente falando, mesmo com a abundancia, a variedade que a poesia requer, mas nada singular, nem maravilhoso, nem pedantesco.

A phrase aqui é simples e natural, embóra elegante e bem feita. Si o auctor commette muitas vezes incorrecções, em todo caso não é pelos vícios contrarios á indole da lingua, tão communs nos principiantes, por falso gosto.

Desde agóra se mostra de uma grande virtuosidade na composição do verso. Este ora é colleante e blandicioso, ora heroico e precípito, e sempre musical, tantas vezes na verdade suggestivo, é verso emfim, como só os verdadeiros poetas sabem fazer. Já se encontra neste livro até o segredo das chaves de ouro, que constituem o encanto principal de um bom punhado de seus sonetos.

Mas é interessante observar-se como o jovem litterato instinctivamente desvia-se, neste particular da composição do verso, da influencia innovadora dos decadentes e symbolistas. Não só não pratica nem uma vez o chamado verso livre de uns, nem quasi até a simples asymetria da maior parte delles, como lhe repugna mesmo ensaiar-se nos metros que esses ultimos chegaram, sinão introduziram na poetica propriamente, ao menos puzeram mais em voga, como acontece com os de oito syllabas, os de nove formados de dois quadrissyllabos (para que elle abriu em todo caso uma excepção no *Ninho Vasio*) e finalmente os de onze com a fórma que os românticos não adoptaram.

Quando a idade lhe permittir um discernimento completo, melhor do que eu elle decidirá sobre si deva ou não persistir em abstenção tão systematica, verá si o evoluir não é tão legítimo e mesmo tão necessario nestas questões, da fórma como em tudo na vida. Entre os mais escrupulosos dos poetas portuguezes e brasileiros, muitos tem havido e os ha que pelo menos não se desdenham e não se desdenham de dar mais variedade á metrica de suas composições adoptando de quando em vez esses versos menos correntes na nossa poesia.

O que eu quero, porém, agóra é assignalar mais este característico da indole classica que se observa no novél poeta.

Não se póde suppor que elle haja escapado á contaminação desses *novos* de hontem, relativamente a taes

pontos, porque os desconheça. O sr. Corrêa de Araujo ainda paga extraordinaria vassalagem a Guerra Junqueiro, tanto que lhe offerece este seu livro couro «ao Mestre amado». Ora, bastava-lhe apprehender o extraordinario poeta portuguez por todos os seus matizes de arco-iris das letras, que elle representa, para inclusive estar ao par das innovações daquella escola, que o auctor d' *Os Simples* e de *Patria* foi dos primeiros a aceitar e a introduzir na nossa lingua.

Mas além dessa grande influencia de que ainda por modo tão flagrante se resente o nosso jovem compatriota, percebe-se o effeito, muito menor embóra, da leitura de outros que representam por maneira mais exclusiva, sinão mais completa e feliz, as tendencias da dita escola. Deste impressionaram-lhe algumas imagens, certo modo de encarar dados assumptos; daquelle, a bravura hespanhola do gesto, o bizarro, o alacre da visão que trouxe.

Em todo caso, depois de Guerra Junqueiro, mas do Junqueiro principalmente da *Morte de D. João*, da *Velhice do Padre Eterno* e da *Musa em Férias*, quem parece ter influido mais no espirito do nosso poeta são os principaes parnasianos brasileiros e alguns românticos tambem nossos. Não sei si diga: pelo menos no que se chama o pensamento, parece-me que por emquanto ainda mais os românticos, sobretudo Gonçalves Dias. Os parnasianos influenciaram grandemente na fórma.

De quem não percebemos o influxo directo é de gente estrangeira, principalmente de gente de letras mais propriamente dita. E' visível que ao menos de dois homens lá de fóra elle leu alguma coisa, mas desses, um é um philosopho; outro, um mystico: falo de Augusto Comte e de Allan Kardec.

Perguntareis: mas como elle os conciliou? Não tratou de semelhante coisa, e fez ainda mais: complicou umas duas ou tres crises positivistas, que accuza, e os frequentes arroubos espiritas ou quando menos swendenborgianos, de que os seus versos nos falam, da demagogia anti-catholica e do correspondente antropomorphismo bonhomista que ha no seu prezado Guerra Junqueiro. Não se apercebeu que foi precisamente por este lado que a obra do seu mestre lusitano, realmente tão seductora de naturezas ingenuas e um tanto virgens ainda, começou a envelhecer, a perder todo o encanto.

Si se tratasse da obra de um homem feito, bastavam essas suas contradicções, tão capitaes, em philosophia e religião, para não se poder mais ligar grande importancia a ella, quando

menos do ponto de vista do pensamento. Na idade em que o sr. Corrêa de Araujo compoz estes seus versos tal incoherencia é apenas mais uma prova da sua sinceridade e portanto mais um symptoma que vemos nell de uma natureza de legitimo intellectual.

Depois, seja qual fôr o resultado ultimo a que elle tenha de chegar nestas questões com o amadurecimento do seu espirito, vê-se que permanecerá no jovem poeta a tendencia para a contemplação, como uma qualidade intrinseca que é, — tão desenvolvida já vem ella, e tão séria; mesmo tão predominante, além disso tão sympathica, tão encantadora, nestas paginas iniciaes de sua obra.

Está ahí uma das razões principaes por que elle nos dá o direito de esperar-se grandemente do seu talento. Ha no sr. Corrêa de Araujo o esto do grandes espiritos, das grandes intelligencias servidas por uma imaginação superior, que tende a transfigurar quanto objecto a impressiona, a dar-lhe uma nova vida subjectiva, illusoria, mas tão forte, tão intensa, que é como si esse objecto fôsse de novo creado e adquirisse outro valor. Só as organizações capazes de tanto é que pódem realizar os mais altos fins de arte, aquelles pelos quaes ella serve para sempre um dos meios mais gloriosos de que o homem dispõe para superiorizar-se dentro da Especie que representa.

Tudo interessa o espirito deste poeta, quasi se póde dizer desta creança e por tudo elle é susceptivel de interessar-se com a mesma intensidade por uma flôr como por uma mulher, por um seixo como por um astro, pelo que haja de mais cognoscivel como pelas transcendencias vertiginosas que o homem possa attingir.

Certos trechos em que elle trata da mulher amada quasi que nos parecem allucinações; tal o arrebatamento a que chega, ganhando em alguns delles uma eloquencia na verdade torrencial.

Ha cinco ou seis poesias, em que o poeta fala a uma noite estrellada, ou sobre o que considera a Terra da Promissão, ou a propriedade do que vê do alto de uma montanha, — destas coisas ou coisas analogas, — que são composições verdadeiramente interessantes. A's vezes, aiuda ha vestigios de infantilidade naquelles versos, mas entre essas coisas inevitaveis encontram-se já taes bellezas, principalmente symptomas tão promettedores de coisas futuras, que sem querer nos lembramos dos nossos melhores poetas em assumptos como esses, mas principalmente de Gonçalves Dias e de Magalhães. Direi ainda: facilmente acredita-se elle os ultrapasse dentro em pouco nesse ponto, os dois. Porque

não se ha de afirmar? Nessas occasiões, elle lembra antes Victor Hugo, lembra Lamartine, necessariamente com a differença que sua pouquissima idade e falta de cultura determinam.

Si estivessemos numa epocha em que o mysticismo achasse atmosphaera para florescer livremente, ao menos como essa ultima que produziu os S. Francisco Xavier e os Anchieta, ao lerem-se estes trechos do *Evangelho de Moço* poder-se-ia admittir a possibilidade de ver este poeta um dia percorrer o mundo em peregrinação de santo, tal a bondade, o espirito de interesse pelas dôres humanas, a ternura que resumbram dessas suas ingenuas paginas, nimiamente sympathicas.

Mas dá-se por outro lado que a vida terrena já o conquistou bastante: no seu livro ha uma camandula de incendiados beijos rodeando formosas gorgas, ha confissões de amor ardente, ha gestos e mesmo imprecações de uma ebriedade toda ella carnal. Os lyricos-parnasianos a este respeito exerceram uma infiltração tambem vigorosa nessa natureza ductil, excellentemente receptora. A poesia *Polo Norte*, por exemplo, que obedece á tendencia referida, é uma produção excellente, que faria honra a qualquer.

E' de crer que as duas tendencias oppostas venham a conciliar-se por fim harmonicamente nessa individualidade em formação e produzir mais um grande poeta brasileiro. Este saberá achar caminho novo entre as diversas correntes que neste instante se entrechocam no seu cerebro adolescente de hoje, como aliás quasi em toda a litteratura que actualmente o mundo produz.

Assim elle estude, prepare-se fortemente, na proporção que sua natureza privilegiada, complexa exige, e possa fazer face á bella, mas tão grande responsabilidade que a publicação deste seu volume e os calorosos applausos que elle está suscitando lhe impõem.

NUNES VIDAL.

Conferencias Pan-Americanas

REMINISCENCIAS
DA SEGUNDA CONFERENCIA INTER-
NACIONAL AMERICANA.
AS RESOLUÇÕES ESSENCIAES

A Segunda Conferencia Internacional Americana realizou-se em 22 de outubro de 1901, na cidade de Mexico.

O programma adoptado foi, com insignificantes alterações, o da Conferencia de Washington.

O delegado do Brazil, nessa Conferencia, foi o sr. José Hygino Duarte Pereira, arrebatado por uma rapida

molestia quando desempenhava com brilho e competencia a sua missão.

* *

— Sobre o tratado de arbitramento, cujo projecto fôra adoptado pela Conferencia anterior, a opinião do governo do Brazil foi fixada nas instrucções transmittidas ao seu delegado, conforme o seguinte trecho:

«Somos, portanto, forçados a não adherir á idéa de um tribunal arbitral. Seria, todavia, acceitavel a idéa do Congresso de Haya da constituição de uma lista permanente de juizes, nomeados pelos governos participantes, dentre os quaes, em cada caso occorrente, podiam ser escolhidos os arbitros ou membros de uma commissão ou tribunal *ad hoc*. Convém lembrar que o Brazil continúa disposto a recorrer a julgamentos singulares, acceitando sempre como arbitro um chefe de Estado, cuja responsabilidade moral fica isenta de qualquer suspeita. Ainda não acceitou, nem acceitará provavelmente, submeter litigio seu a um tribunal, qualquer que seja a sua origem, competencia e modo de constituição. Esta ficará sendo a orientação permanente da politica brasileira sobre o assumpto.»

«Nestas condições, é conveniente que o delegado promova pelos meios ao seu alcance (e até pela discussão, si julgar preciso) tornar insubsistente a idéa de obrigatoriedade do recurso ao tribunal arbitral.»

«E' possivel que se levante no Congresso a preliminar de se referir o arbitramento a todo e qualquer litigio, ou simplesmente aos litigios futuros. Melhor fará o Congresso resolvendo submeter a arbitramento sómente as questões de natureza juridica, exceptuando sempre de qualquer compromisso as que dizem respeito á independencia, soberania e integridade territorial de cada nação, o que está conforme com as conclusões dos Congressos de Washington, de 1889.»

*

—As instrucções do governo brasileiro tambem se referiram á codificação do direito internacional americano, como se lê no seguinte trecho:

«Neste terreno muito pôde fazer o Congresso e elle será digno de applauso si encerrar os seus trabalhos votando um codigo de direito internacional americano. Delle pôde ter a iniciativa o delegado brasileiro.»

O governo do Brazil mantinha assim a politica, consagrada na Constituição, indicando o arbitramento como meio honroso de solução dos seus litigios internacionaes, repellindo, porém, a idéa de um tribunal permanente constituido para esse fim, um tribunal que não poderia cumprir perfectamente a sua função judiciaria desde que não tinha lei a applicar aos casos occorrentes.

E' bem possivel que para essa deli-

beração preponderasse a experiencia de outros casos desfavoraveis á idéa, factos que se accentuaram no arbitramento do litigio entre Venezuela e a Inglaterra, decidido por um tribunal que mutilou barbaramente o territorio daquela Republica sul-americana, reduzindo-a a quasi metade.

Além disso, o caso nos interessava no momento em que tinhamos pendente o nosso conflicto, ácerca do territorio da Guyana, com a Grã-Bretanha, resolvido, depois, pelo rei da Italia de uma maneira que, á vista do respectivo tratado, não podia ser outra.

* *

A Conferencia foi presidida pelo dr. Genaro Raigosa, ligado por amizade e afinidade ao presidente, general Porfirio Dias.

Enviaram delegados: a Republica Argentina, Brazil, Bolivia, Equador, Columbia, Costa Rica, Chile, Republica Dominicana, Estados Unidos da America, Guatemala, Haiti, Honduras, Mexico, Nicaragua, Paraguay, Perú, S. Salvador, Uruguay e Venezuela, sem representante na actual Conferencia, em virtude dos incidentes occorridos nos ultimos tempos.

A sua ausencia lamentavel poderá exprimir um resentimento pela attitude das republicas americanas ante a questão das reclamações de dividas estrangeiras, as dissensões financeiras que não estavam no programma, nem na área de influencia da doutrina de Monröe, como a entendeu, em declarações inequivocas, o presidente Roosevelt. Venezuela não deixa, por isso, de reconhecer a importancia das conferencias internacionaes, si bem que tenha razões para desconfiar dos seus resultados praticos.

Antes da conferencia do Mexico, aquella nação communicou ás outras nações americanas as suas idéas, numa circular que terminava nos termos seguintes:

«Conforme instrucções especiaes do sr. presidente da Republica, tenho a honra de expôr a v. ex. as idéas que precedem como demonstração do interesse com que Venezuela encara os assumptos vinculados á Conferencia do Mexico e como prova da importancia que lhe attribue por ver nellas um poderoso meio de estreitar, em beneficio commum, o laço fraternal dos povos americanos. A' vista disso, seria para desejar que v. ex. inspirasse aos representantes dessa Republica na importante Conferencia, os antecedentes conceitos, na certeza de que os delegados venezuelanos serão fieis inter-

pretes e decididos defensores dos principios que elles encerram.»

Era evidente que Venezuela procurava assegurar-se ou, pelo menos, conhecer a opinião das outras nações ácerca do assumpto, para ella de supremo interesse naquelle momento, interesse completamente demonstrado pelos factos posteriores.

Os governos se abstiveram de declarações positivas, limitando-se a uma resposta de cortezia.

* *

Na Conferencia do Mexico, o delegado brasileiro apresentou a seguinte proposta :

«Considerando que é um fim primordial da Conferencia Pan-Americana organizar a união das Republicas da America sobre bases juridicas ;

Considerando que dessas bases se destacam como principaes :

a) o arbitramento, como meio regular para a solução dos conflictos que occorrem entre nações americanas ;

b) um Tribunal Internacional Permanente, a que sejam submettidos esses conflictos ;

c) uma lei internacional, pela qual sejam julgados :

Considerando que o ultimo desideratum não pôde ser conseguido sem trabalhos pausadamente preparados e, de antemão, submettidos á approvação dos governos interessados, de modo que possam habilitar os seus delegados a uma futura Conferencia com as devidas instrucções ;

O delegado da Republica do Brazil tem a honra de formular a seguinte proposta :

Art. 1º — A commissão executiva da Secretaria das Republicas Americanas nomeará uma commissão de tres jurisconsultos, encarregada de organizar, no intervalo da actual á futura Conferencia, um codigo de direito publico internacional e um codigo de direito internacional privado, que regerão as relações entre as nações da America.

Art. 2º — Redigidos esses codigos, a commissão executiva mandará imprimil-os e os submeterá á consideração dos governos das nações americanas para que se dignem fazer as observações que julgarem convenientes.

Art. 3º — Coordenadas systematicamente essas observações e revistos os codigos pela commissão que os redigira, serão elles apresentados á futura Conferencia Pan-Americana, que se deverá reunir quatro annos depois da actual.

Art. 4º — Para a vigencia do tratado que sancione os referidos codigos, não será necessaria a troca de ratificações por todas as nações signatarias, bastando a simples comunicação, feita pelo governo de cada uma das outras, de haver sido approvado na fórma de suas leis internas.

Art. 5º — A commissão encarregada da

redacção dos codigos poderá funcionar em qualquer das capitales da America ou da Europa, conforme fôr convencionado, e as despesas serão feitas pela Secretaria das Republicas Americanas.»

Essa proposta, feita conforme instrucções, a que acima nos referimos, do governo brasileiro, não produziu os desejados efeitos, porque não consta que se tenham conseguido trabalhos de valor para a confecção dos dois codigos.

* *

Os resultados da Conferencia do Mexico se reduziram a projectos de tratados, de convenções, resoluções e recommendações que, como as da Conferencia de Washington, não tiveram, no espaço de tempo decorrido até agora, sancção pratica e effectiva.

— A Conferencia do Mexico votou :

— um protocollo de adhesão das Republicas Americanas á convenção para a solução pacifica das disputas internacionaes, assignada em Haya, a 29 de julho de 1899 ;

— projecto de um tratado de arbitramento compulsorio, assignado por dez delegações ;

— outro projecto de tratado de arbitramento para as reclamações pecuniarias.

Fôram tambem approvadas as seguintes resoluções :

— favorecendo a construcção do caminho de ferro pan-americano ;

— a organização de um congresso aduaneiro internacional, que estudaria os meios de facilitar o commercio internacional americano ;

— a organização das quarentenas e meios sanitarios internacionaes ;

— promovendo a reorganização da Secretaria das Republicas Americanas, determinando a collecção e publicação das informações mais completas, concernentes ás fontes de producção e estatística das republicas americanas ;

— approvando a construcção de um canal inter-oceanico ;

— recomendoando o estudo da crise do café por um congresso internacional americano ;

— o estabelecimento de uma commissão archeologica ;

— estabelecendo um banco internacional americano.

Fôram tambem offerecidos projectos de tratados :

— para a extradicação de criminosos ;
— de protecção contra a anarchia ;
— de convenções para o exercicio de profissões liberaes ;

— sobre direitos de auctores litterarios e artisticos ;

— para a troca e publicação de documentos officaes dos governos sobre direitos de estrangeiros residentes ;

— sobre patentes e marcas de commercio ;

— e sobre a futura Conferencia.

* *

A Conferencia votou muitas congratulações :

— a d. Raphael Reys, actual presidente da Columbia, pelos seus trabalhos de exploração de rios na America do Sul ;

— a Santos Dumont, pelos seus empreendimentos de navegação no ar ;

— e ao dr. Carlos Calvo, pelas suas obras de direito internacional.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Arêa monazitica — Situação da producção e do consumo — Previsão da baixa do preço — O que diz o sr. Nilo.

A necessidade de fabricar véos incandescentes, em que o thorio é utilizado em fórma de nitrato, determinou o desenvolvimento industrial do monazite, phosphato natural de cerium, de lanthano e de thorio.

O thorio foi a principio extraído da Noruega e da Suecia, depois, cerca de dez annos, o commercio foi procurado nas costas do Brazil, onde se descobriram jazidas sufficientes para satisfazer o consumo mundial a preço reduzido, facto que influiu para o abandono e ruina das minas scandinavas.

No Brazil, a extracção das arêas de monazite, monopolizadas por uma casa ingleza, dava esse producto á Europa a 20 francos por tonelada, sobre a base de comportar 5 % de oxydo de thorio.

A fabricacção deste oxydo está, por sua vez, monopolizada pelas grandes sociedades allemãs e austriacas, que o fornecem a todos os mercados europeus e o enviam, em *stoks* importantes, aos Estados-Unidos da America. Deve-se accrescentar que o americano Welsbach & C. prepara tambem o thorio naquelle paiz, tendo um imposto protector de 125 libras sterlinas por tonelada permittido utilizar o producto local proveniente da Carolina.

Em 1902, deu-se um accordó, entre

a companhia ingleza de extracção no Brazil e as fabricas allemãs, estabelecendo que, para o futuro, a arêa de monazite seria exclusivamente remetida áquellas fabricas e ao preço de 30 francos por tonelada, mediante uma participação nos lucros provenientes da fabricação do thorio para o extractor. Esse contracto, denominado Convenção Allemã do Thorio, determinou uma alta de cento por cento.

Em 1903, os Governos centraes dos Estados-Unidos e o do Brazil perceberam que, nos termos de uma antiga legislação, nem os particulares, nem os Estados tinham o direito de explorar as arêas da costa, privilegio que pertencia á nação. O governo brasileiro se apoiava na lei que lhe garantia o dominio dos chamados terrenos de marinha, comprehendendo o estuario dos rios até ao alcance das marés. Ao mesmo tempo, o Governo Federal dos Estados Unidos do Brazil arrendou, em hasta publica, as arêas da costa do Espirito-Santo, resultando desse novo estado de coisas uma consideravel modificação na convenção allemã do thorio, a parada de varias usinas allemãs e um vigoroso esforço para descobrir novos depositos de monazite no Brazil, na Carolina e outros sitios não incluídos na convenção.

Reconheceu-se logo que, si na costa brasileira havia monazite sufficiente para occorrer a todas as necessidades dos 20 ou 30 annos proximos, no interior do paiz existiam tambem enormes jazidas, e, pela iniciativa de companhias francezas, duas minas rivaes fôram exploradas no interior do Brazil, produzindo cada uma dellas, annualmente, de 500 a 600 toneladas. Ficou, assim, fortemente ameaçada a convenção do thorio.

Por outro lado, o preço até então elevado do thorio incitou os americanos do norte a emprenderem a producção delle em grande escala no Estado da Carolina, unico productor daquelle genero. Uma pedreira perto de Shelby foi recentemente comprada e, si bem que se que affirme ella contém veios de arêa monazitica, não deu ainda resultados satisfactorios, apesar de grandes esforços, de profundas sondagens, sendo, em todo caso, certo que a producção será muito dispendiosa. A producção de thorio na America do Norte váe, todavia, progredindo e diminuindo as importações da Europa.

A situação é, em resumo, a seguinte: as necessidades totaes de arêa monazitica na Europa, considerando a quantidade exportada para a America é de 1.200 a 1.500 toneladas por anno. Os exploradores brasileiros, por si sós, pôdem facilmente elevar a producção a 10.000 toneladas annuaes, ex-

cedendo assim consideravelmente todo o consumo possivel. Acontece, entretanto, que se fazem activas investigações para encontrar novas fontes de fornecimento, com algum successo, resultando disso que o commercio de arêas monaziticas, em futuro proximo, deixará de ser remunerador e já, em consequencia de contractos, os importantes stocks conservados na Europa são bastantes para, a cada momento, inundar o mercado.

Nessas condições, é provavel que a convenção allemã do thorio seja renovada quando expirar em 1907. Ella já encontra difficuldades em dispôr da sua producção aos preços remuneradores outr'ora. Além disso, os fabricantes americanos procuram canalizar a sua producção para a Europa e um agente recentemente enviado a Londres, foi mal succedido em todas as tentativas para vendel-a. E' difficil admittir que o publico e, ainda menos, os commerciantes, se envolvam em especulações sobre a monazite, promovidas por emprehededores audazes.

Lucram com esse estado de coisas os consumidores, que poderão adquirir os artefactos de monazite por modico preço, ao passo que os promotores da companhia estão luctando com serias difficuldades, a menos que se não descubram novas applicações ao producto que de precioso se tornou vulgar, demasiado abundante.

Sobre este interessante assumpto, encontramos na ultima mensagem do sr. Nilo Peçanha, o restaurador do Estado do Rio, o seguinte trecho:

«A exportação de areias monaziticas no nosso Estado augmentou, do anno atrazado para o anno passado, mais de 500 %».

No Itabapoana a Societé Minière Industrielle Franco-Brésilienne installou uma usina modelo de concentração.

As areias brutas pobres, do teor de 6 % médio de monazite, o que corresponde a 36 % de thorio, são concentradas até o teor de 95 % de monazite, ou 5, 70 % de oxydo do thorio, por meio de separadores electricos.

A usina da Minière trabalha com cerca de 90 pessôas e tem tres machinas a vapor, de 20 cavallos cada uma, dois dynamos de 9 k. w. e cinco caldeiras de 15 k. w.

A sua producção mensal é de 60 toneladas.

Na Sapucaia, á margem do Parahyba, os srs. Charles Rau & C. montaram tambem machinas electro-magneticas para beneficiamento de areias. As machinas electricas são em numero de sete, movidas por um dynamo de 15 k. w. e por um locomovel de 18 cavallos, e a producção mensal pôde ser de cincoenta toneladas.

Julgam os industriaes ser este o modo mais racional de tratamento deste mineral

raro, que em nenhuma parte se encontra em tanta quantidade, em tão alto teor e em tão boas condições de exploração, como no Brazil, que, salvo uma pequena producção nos Estados Unidos, é o fornecedor da luz incandescente ao mundo inteiro.

Os depositos de monazite são importantes no Brazil, mas as jazidas não são inexgotaveis.

Abstenho-me de considerar a maneira por que se está fazendo a exportação deste caro mineral na zona presentemente arrebatada á jurisdicção dos Estados; a exportação de areias, ricas apenas, pôde determinar, em tempo não muito remoto, a perda deste valioso patrimonio da Nação.»

O estabelecimento de uma linha telephonica de Nova York e S. Francisco—As maiores distancias desses apparatus.

Os americanos resolveram tentar o estabelecimento de uma linha telephonica entre Nova York e S. Francisco, empreza audaciosa e notavel porque até agora sómente se podia conversar á distancia limitada entre 1.200 e 1.500 kilometros, com a condição de empregar conductores de forte diametro para dominarem a resistencia electrica. Por isso, o circuito Paris-Berlim, cuja extensão é de 1.079 kilometros, foi estabelecido com fios de 5 millimetros e o de Nova York e Chicago, á distancia de 1.200 kilometros, considerado o mais longo de todos os circuitos telephonicos, foi construido com fios de diametro maior.

Para esses circuitos só se pôdem utilizar fios de cobre ou de bronze, de maneira que o preço desses metaes e as despezas do estabelecimento de uma communicação importante, como a que está projectada, são muito consideraveis em relação ao rendimento para que se resolva praticamente tal empreza.

E' verdade que os americanos pensaram em utilizar a invenção de Pupin que consiste em intercalar bobinas de propria inducção de distancia em distancia, em pontos determinados sobre o circuito, para obterem a neutralização dos phenomenos prejudiciaes produzidos no conductor pelas correntes de carga. Recentes experiencias effectuadas com o auxilio desse systema sobre a linha de Berlim a Postam e sobre circuitos artificiaes, demonstraram que esse processo combate effectivamente a capacidade electro-statica dos conductores.

A experiencia que váe ser tentada entre Nova York e S. Francisco, numa linha de 4.900 kilometros, é um arrojio, cujo exito não se pôde assegurar.

PAGINAS ESQUECIDAS

A DIPLOMACIA PORTUGUEZA
EM 1871

Cidadãos! Vejamos um pouco a nossa diplomacia.

Queixava-se ha tempos o excellente *Jornal da Noite* que o governo não publicasse os relatorios dos seus diplomatas, ministros, encarregados de negocios, secretarios, etc. Ingenuo *Jornal da Noite!* E' o mesmo que censurar que se não photographem os baixos relevos de — uma parede liza. Que quer o distincto redactor do *Jornal da Noite* que o governo publique? A diplomacia só tem a offerer, como resultados dos seus trabalhos ha vinte annos, o seu papel almasso — em branco. Se os nossos diplomatas quizerem um dia remetter para Portugal, em consciencia, devidamente empacotados, os documentos do que nas suas missões crearam, organisaram, pensaram, trataram — a secretaria encontraria espantada, ao abrir o pacote:

Um montão de luvas *gris-perle* em máuzo!!

Se a esses cavalheiros que teem sido ministros e encarregados de negocios em Londres, em Berlim, em Paris, em Madrid, em Bruxellas, em Stockolmo, em S. Petersburgo, em Milão, em Roma, no Rio de Janeiro, em Vienna d'Austria, em Washington, com os seus secretarios de embaixada, os seus addidos, os seus ordenados, despezas de representação, despezas de expediente, despezas secretas, etc., uma vóz impertinente perguntasse: «Como teem vv. exs. desempenhado as suas missões? Que tratados vantajosos teem alcançado para o nosso paiz? Que estabelecimentos portuguezes teem lá favorecido? Que serviços internacionaes teem regularizado? Que relações solidas e protecções valiosas teem obtido para a nossa pequenina nação? Que estudos teem feito sobre a organização e instituições desses paizes? Em que sabios trabalhos as teem aconselhado para nosso progresso? Que conhecimento teem dado aos estrangeiros das nossas instituições, do nosso commercio, da nossa sciencia? Etc. ? Etc. ?» — Ss. exs. a taes interrogações ficariam pallidos de surpresa! Os nossos diplomatas inteiramente ignoram que estes sejam os seus encargos. Nenhum curso lh'os ensinou, nenhuma lei lh'os incumbiu. Elles séguem a velha tradição de que a diplomacia é uma ociosidade regalada, bem convivida, bem comida, bem dansada, bem *gantée*, bem *voiturée*, com bons ordenados e viagens pagas. Estão alli para serem diplomatas na gravata — e não para serem diplomatas no espirito: e achariam um abuso inqualificavel que os tivessem nomeado para marcar o *cotillon*

e no fim lhes exigissem relatorios. Ss. exs. entendem que o paiz está bem representado desde o momento em que o seu collarinho é irreprehensivel.. E todavia ss. exs. estão representando uma nação — e não uma camisaria! Se ss. exs. vão unicamente encarregados de mostrar aos paizes estrangeiros a excellencia dos nossos alfaiates — então o paiz não é o interessado, e o sr. Keil que lhes pague! Se ss. exs. teem apenas por missão mostrar lá fóra como o paiz dansa bem, entendemos que ss. exs. prestam melhor serviço na sua patria; e não ouvando pedir ao governo que os faça recolher á secretaria, pedimos aos srs. Valdez e Cossoul, emprezarios de S. Carlos, que os façam recolher ao corpo de baile!

O paiz conhece bem a nossa diplomacia: já a viu á luz da rampa, a um rumor de orchestra: já riu com ella, já lhe bateu as palmas: ella apparecia, esplendidamente real, na cõrte grotesca de s. a. a grã-duqueza de Gerolstein, poderosa princeza em tres actos. Era o barão Grog. O barão Grog, não se lembram? Sómente a nossa diplomacia não uza rabicho, e curva-se com menos elegancia. E o barão Grog conspirava! Os nossos nem sequer conspiram! Elle tinha graça, os nossos são lugubres! Elle só nos custava um bilhete de platéa, nossos custam-nos infinitos contos!

*

Evidentemente na organização da nossa diplomacia vamos seguindo um caminho imprevidente.

As habilitações que se exigem de um cidadão devem estar em harmonia com os serviços que se esperam d'elle. Não se requer dos que pretendem ser lentes do Curso Superior de Lettras que apresentem certidão de saber dansar dignamente o *can-can*. Ora, se a missão de um diplomata é comer bem, dansar bem, vestir bem, parece-nos inutil que se lhe peçam provas de que conhece o direito internacional e a historia diplomatica! O mais trivial bom senso ordena que elle seja examinado simplesmente em pontos como estes:

Maneira mais propria de pôr a gravata branca, e suas divisões:

Methodo mais fino de comer a ostra; principios geraes; applicações;

Da valsa: theorias; questões principaes; exemplos, etc.

Assim supponhamos que algum dos nossos mais nobres «vultos politicos», o sr. Braamcamp, por exemplo, pretende uma embaixada. Auctorizam-no

a isso a sua experiencia e o seu criterio. O que se lhe dê! Mas que antecipadamente s. ex. seja examinado na secretaria dos estrangeiros por um jury competente e recto:

— Tenha v. ex., sr. Braamcamp, (dirá o jury) a bondade de se sentar áquella meza e comer aquelle linguado frito, para nos provar que não lhe é extranho esse ponto da sciencia diplomatica..

E s. ex. tomando delicadamente o garfo, e na extremidade de dois dedos uma codea fina de pão, com os braços unidos, a cabeça direita, os olhos baixos, provará a sua immensa competencia naquella questão difficil.

— Tenha agora v. ex., sr. Braamcamp, a bondade de valsar um momento pela casa, com donaire...

E s. ex. arqueando mollemente os braços, despedido em giros graciosos por entre as mezas da secretaria, com a cabeça meigamente reclinada, o olhar amoroso, a cintura morbida, provará victoriosamente que tem compulsado com mão diurna e nocturna todos os expositores daquella illustre materia.

(N. B. — Para que o concorrente não valse só, poderá utilizar-se como dama o contínuo da secretaria, que o examinando tomará nos braços com requebro meigo).

E approvedo que fôsse o sr. Braamcamp, ou outro cavalheiro, nos pontos sujeitos, o paiz podia entregar-lhe confiadamente uma missão numa cõrte estrangeira, certo que os seus interesses seriam alli dignamente — comidos e dansados!

*

Tambem nos occorre que consistindo uma das principaes funcções dos secretarios de embaixada e addidos em dansar nos bailes do Paço, a melhor maneira de alcançar um pessoal diplomatico verdadeiramente superior seria escolhel-o — no corpo de baile!

Ninguem teria então, entre a diplomacia européa, mais graça, harmonia, e ligeireza nos movimentos. E seria honroso para todos que os jornaes estrangeiros pudessem noticiar:

«Chegou hoje a sra. Pinchiara, antiga primeira bailarina de S. Carlos, hoje secretario da embaixada portugueza...»

E mais tarde registassem para vaidade eterna da nossa patria :

«Hontem a maravilha no baile da cõrte foi a maneira adoravel por que dansou a sra. Pinchiara, secretario da legação portugueza. Parecia um sylpho, com os seus vestidos de gaze. Notou-se apenas que o sr. secretario da legação estava um pouco decotado de mais. E' admiravel a brancura do seu collo !...»

Egualmente nos parece vantajoso que o concurso para addido de legação verse, não sobre a sciencia dos concorrentes—mas sobre a sua roupa branca. Se o dever essencial de um addido é a exposição solemne dos collarinhos que se alteiam sob a suissa, dos largos peitos de camisa que se arqueiam como couraças, e dos punhos que espirram para fóra da manga com uma rijeza d'aço — deve o governo de s. m. utilizar para o serviço diplomatico aquelles que pela belleza e solidez dos seus engommados, melhor acreditarem lá fóra as nossas instituições. E a diplomacia começará a dar garantias da sua efficacia quando o sr. X tiver conquistado os suffragios do jury pelo brilho das suas camisas iuglezas e pelo valor das suas piúgas, — e o sr. Y fôr plenamente reprovado por ter apresentado, por toda a sciencia e experieucia dos negocios, um réles collarinho á mamã !

Com éntranhada magua o dizemos : os senhores diplomatas portuguezes vestem-se de um modo a que só falta para ser distincto — ser inteiramente diverso do que é. Ss. exs. ou se ageitam pelo feitio nacional que tanto domina na rua dos Fanqueiros, ou então adoptam o velho *chic* de boulevard, ainda do tempo do ministerio Roulier, hoje unicamente usado pelos *pollos* de Madrid ! Não seria pois fóra de proposito que existissem na secretaria dos estrangeiros figurinos modelos, com commentarios e notas, que os senhores addidos deveriam estudar antes de encommendar as suas farpellas. Outrosim se nos afigura imprudente que os senhores diplomatas possam fazer um *frack* sem previamente levarem o *corte e talhe* á approvação da commissão diplomatica. Egualmente

pedimos ao governo, em nome do paiz, que não deixe sahir nenhum senhor diplomata sem previamente lhe ter examinado :

As unhas e a caspa do cabello !

Uma das cousas que prejudica a nossa diplomacia é ella não possuir espirito. Ser espirituoso é metade de ser diplomata. A tradição classica mostra-nos Talleyrand governando a intriga europêa com as finas decisões dos seus bons dictos : modernamente, desde Morny até o sombrio sr. de Bismarck, a diplomacia tem feito do espirito quasi um methodo. O espirito move tudo e não responde por cousa alguma : elle é a eloquencia da alegria, e o entriucheiramento das situações difficeis : salva uma crise fazendo sorrir : condensa em duas palavras a critica de uma instituição : disfarça ás vezes a fraqueza de uma opinião, accentúa outras vezes a força de uma idéa : é a mais fina salvaguarda dos que não querem definir-se francamente : tira a intransigencia ás convicções fazendo-lhes coegas : substitúe a razão quando não substitúe a sciencia, dá uma posição no mundo, e adoptado como um systema derruba um imperio. E, sobretudo pelo indefinido que dá á conversação, elle é a arma verdadeira da diplomacia. Ora, com compuncção o dizemos, a nossa diplomacia não tem espirito. Seria por isso bem util que o ministerio dos estrangeiros examinasse os seus diplomatas, antes de os nomear, em *pontos* assim concebidos :

— Estando o senhor addido numa sala, e começando na rua a chover, que pilheria deverá o senhor dizer ?

— Num camarote de opera quaes são as facecias que deve lançar um secretario de legação sobre o corpo de baile ?

E seria conveniente que a secretaria possuisse uma lista de jocosidades, para todos os usos da vida, que os senhores diplomatas deveriam decorar :

Pilherias para baile ;

Dictas para almoço ;

Dictas para cerimoniaes religiosas ;

Dictas para recepções no Paço ;

Dictas para entreter personagens celebres ;

Dictas para enterros de pessoas reaes, etc.

Concorre muito para que a nossa diplomacia não seja brilhante o horror que o paiz tem a ser representado por homens intelligentes. Não se pode dizer que isto proceda do amor de os possuir no seu seio : antes parece que o domina o terror de que elles vão destruir a reputação de embrutecimento que o paiz gosa lá fóra. A verdade é que quando algum homem intelligente vae em missão diplomatica, os jornaes bravejam, e a opinião publica apita !

Se alguém ousasse, por arrojo absurdo, mandar em embaixada o sr. Alexandre Herculano, a nação, de raiva, abria as veias ! Por sua vontade o paiz enviaria ás cõrtes estrangeiras, para ser representado dignamente — bacorinhos do Alemtejo. Não o faz, porque, como ao mesmo tempo é avaro e desconfiado, receia que as cõrtes estrangeiras, não podendo arrancar a taes diplomatas segredos politicos, lhes arrancassem — presuntos ! Por isso manda homens. E' só por isso !

Ao mesmo tempo o paiz gosta de pagar barato á sua diplomacia. E neste ponto abusa. Quer uma diplomacia bem fardada, bem bordada ; e no fim se lhe apresenta, por ter uma diplomacia, uma conta um pouco maior do que por ter um carroção — escandalisa-se e grita pelo sr. bispo de Vizeu, d. Antonio. De modo que um ministro plenipotenciario vê-se mais embaraçado com o rol das compras que com o manejo das politicas !

Os diplomatas portuguezes passam por agradar no estrangeiro pela sua pallidez ! Mas não sabe que a sua pallidez vem, não da belleza de raça peninsular, mas da fraqueza de legação mal alimentada. Onde um embaixador portuguez mais se demora, não é deante das instituições estrangeiras com respeito, é deante das lojas de mercearia com inveja ! E se elles não podem alcançar bons tratados para o paiz — é porque andam occupados em arranjar mais *roast-beef* para o estomago. Se não fõssem os jantares de cõrte e as ceias dos bailes, a posição de diplomata portuguez era insusteu-

tavel. E ainda veremos os jornaes estrangeiros noticiarem :

«Hontem, na rua de... cabiu inanimado de fome um individuo bem trajado. Conduzido para uma botica proxima o infeliz revelou toda a verdade — era o embaixador portuguez. Deram-lhe logo bifés. O desgraçado sorria, com as lagrimas nos olhos.»

*

Que o paiz attenda a esta desgraçada situação ! Que tenha um movimento generoso e franco ! Dê aos seus embaixadores menos titulos e mais *beefs* ! Embora lhes diminua as attribuições, augmente-lhes ao menos a hortaliça. Elles pedem ao seu paiz uma cousa bem simples : não é um palacio para viver, nem um *landau* para passear, nem fardas, nem commendas ! E' carne ! Que o paiz, no numero do pessoal diplomatico — diminua os addidos e augmente os bois.

*

Que a nossa diplomacia, aliás meritoria e sympathica, se não agaste com estes traços ligeiros ! Quizemos apenas *rire un brin*. E nesta nossa triste terra, quando a gente se quer alegrar e folgar um pouco, tem de recorrer ás instituições, que são entre nós — *pilherias organisadas funcionando publicamente*.

EÇA DE QUEIROZ.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

1823

Sup

XXIX

Silva Lisbôa continúa a falar : discursa sobre os males da escravatura existente no Brazil, que o corrompe e carcome, qual horrivel cancro ; fala da carencia de instrucção nas classes inferiores e nas sérvís, assellando que tudo isso será peor sem a poderosa, fecunda e benéfica influencia do catholicismo, da religião de eterna justiça, amor, caridade e verdade. Já vemos, assegura Silva Lisbôa, tristes symptomas de divisões em objectos de governo, pela reclamação de illimitadas liberdades politicas : haverá um abyssmo, si tambem accrescentarmos divisões de opiniões e communhões, a pretexto de direito individual da liberdade religiosa e da tolerancia de seitas, ainda fóra das communhões christãs.

O orador, como que illuminado e pavidó, concluindo a vasta e laboriosa oração, exclama : «Era, porventura, este o melhor momento escolhido para tão inopinada innovação na lei fundamental do Imperio ? ! ». Quanto a mim, sinto terror no animo e sou obrigado a dizer, quando prevaleça a decisão dos artigos questionados — *Céus ! que futuros se nos preparam !* »

A Assembléa escutou, ora inquieta, ora transida de espanto, a voz balbuciante e commovida, como o derradeiro adeus daquelle, que começou dizendo — que já era pó e cinza, tendo de demorar-se bem poucos dias por sobre esta scena visivel.

Este discurso de Silva Lisbôa, de que já tratámos no numero passado, é susceptivel de minuciosa analyse e severa refutação. Nelle facilmente ressumbram o syncretismo de idéas, a pretensão do homem de outras éras, impondo os seus sentimentos ás novas gerações e querendo dirigil-as e governal-as com as maximas da experiencia do passado — esse immenso thezouro da sabedoria humana, o qual raras vezes aproveita aos que vivem no presente dominados por necessidades, motivos, perigos, paixões e preconceitos, que os antepassados não sentiram, nem sonharam. Por isso, nem sempre é fecunda.

Não fazemos tal analyse; deixamol-a ao criterio dos leitores, que, todavia, não deixarão de notar que o discurso contém, e revela-no-las, muitas circumstancias da epocha, das quaes a historia tirará maximo partido. Cada um julgará, em Silva Lisbôa : 1º, o constituinte de 1823 dissertando copiosamente no recinto parlamentar ; 2º, o projecto e sabio jurisconsulto, cujo merito, ainda hoje, é preconisado pelos tratados de direito commercial e de economia politica, que honram e illustram a memoria do visconde de Cayrú. Quanto ás suas idéas politicas, parece que o eminente jurisconsulto é homem do tempo em que nasceu e viveu, imbuído de idéas antigas e modernas ; jurista, elle seguia á risca o direito romano ; a omnipotencia do Estado era o seu credo, o individuo não era nada ! Homem do seculo XVIII, versado na sciencia dos philosophos, conhecedor dos trabalhos das assembléas da revolução franceza, Silva Lisbôa procurava fundir as concepções e theorias novas nas antigas e dahi vem o syncretismo que lhe obscurece o espirito. Vemol-o na questão da liberdade religiosa e da tolerancia, que elle considera uma prodigalidade, e quer que a Constituinte limite essa liberdade, subordinando-a ás conveniencias do Estado ; irrita-se vendo as reclamações de illimitadas liberdades e sente horror, como um antigo exclama-

ria. Em verdade, de que quilate é a liberdade religiosa, que o erudito visconde de Cayrú concede ao cidadão brasileiro e aos estrangeiros ? A solução desse objecto depende unicamente da conveniencia que tem o Estado de attraír estrangeiros, trazendo capitaes, industria, trabalho e sciencia ; ora o brasileiro já está no paiz, não ha necessidade de engodal-o ; portanto, não se lhe faculte aquella liberdade na mesma esphera ampliada ao estrangeiro. Bem claro é que o direito da independencia nas crenças e nas opiniões não resulta da natureza humana, mas da concessão da lei, que sempre é a expressão da vontade, ou conveniencia do Estado. Emfim, o discurso de Silva Lisbôa, a esse respeito, avivou-me na memoria o seguinte conceito, que retive, dum notavel publicista : « *Or la liberté des opinions et des croyances ne devient-elle pas un leurre quand on est contraint de les renfermer dans le for interieur, quand leur manifestation est soumise à la legalité ? car la legalité porte toujours la marque du regime par lequel elle est edictée et, si ce regime a un caractère oppresseur et arbitraire, il s'empresse d'étouffer la liberté sous le mas que de l'ordre public établi par l'Etat et de se preter aux vues du despotisme*. Eis em que se resumem as doutrinas, apparatusamente expendidas pelo notabilissimo visconde de Cayrú. Quanto se illudem aquelles que lhe attribuem a idéa do decreto que el-rei d. João VI publicou ao chegar á Bahia, em 1808, franqueando os portos a todas as nações ? ! Sim ; Silva Lisbôa tinha horror ao contagio das crenças e opiniões : não franquearia o Brazil a todo o mundo. Si elle, como jurisconsulto, redigiu o decreto, o pensamento, porém, foi imposto a d. João VI, quando descia aguas abaixo do Tejo, escoltado pela esquadra ingleza, que marchava de vigia ás náus portuguezas. Quando o grande ministro Canning quebrou relações com as tres potencias que constituíam a *Santa Alliança*, e disse ás colonias americanas as miraculosas palavras *surge et ambula*, e que tomou a defeza da independencia dellas, felo principalmente em vista da expansão do commercio de sua nação e a Inglaterra lucrou muito com o decreto que d. João VI promulgou, agradecendo a protecção ingleza ao reino invadido pelas legiões de Bonaparte. A abertura dos portos é um facto de grande importancia e o Brazil o deve á ambição e ao interesse britannico.

* *

O debate sobre a questão religiosa reanimou-se com a presença de Antonio Carlos na tribuna, sustentando as doutrinas do artigo e respondendo a Silva Lisbôa. Outros constituintes

appareceram na estacada, combatendo energicamente; entre elles, devemos apontar o deputado Carneiro, representante da Bahia. Num discurso judicioso, nutrido de sciencia, elle discutiu vantajosamente a materia e sentimos não poder reproduzir, aqui, alguns trechos. Orou Carneiro de Campos (ministro do Imperio) que evidenciou ser infundado o receio de apostasia e refutou victoriosamente as opiniões de Silva Lisbôa, que propunha privar-se o brasileiro, que mudasse da religião catholica, dos direitos politicos. «Este assumpto é uma tarefa privativa da Igreja, diz Carneiro de Campos, e não do Estado: préguem os padres, mostrem e confutem victoriosamente os erros dos heterodoxos, disponham dos meios que lhes deixou Jesus Christo, confirmem e corroborem os fieis na fé pela doutrina e exemplo.

Ao Estado, nesta parte, só compete uma policia méramente externa, pois só deve evitar que, com o pretexto da crença, ou do culto, se não commettam abusos e se perturbe o sócego publico.

Já vimos que o Estado não tinha direito para regular um artigo que não entrou, nem podia entrar, no pacto social, titulo unico, legitimo, de todos os seus poderes. Portanto, a idéa de ficarem privados dos direitos politicos e até dos de cidadão os brasileiros que tiverem a infelicidade de apostatarem, além de inutil, porque sómente poderia fazer hypocritas e não verdadeiros catholicos, seria uma bem assignalada violencia, incompativel com tantos protestos de tolerancia que teem proferido os illustres auctores de semelhante proposta. Sim, senhores, não reflectem os illustres auctores desta proposta que neste paragrapho não se trata de tolerancia verdadeiramente, mas sim do dever da respeitar um direito inalienavel de todo o homem, que lhe deve ser conservado illeso, tão integralmente como o possuia antes da associação politica? E pensam que o respeitam, ou que são tolerantes porque não perseguem a estes desgraçados com o ferro e fogo e só querem que elles soffram a pena capital da perda do *ser politico*, ou *mesmo civil*. Isto é, querem que pelo simples facto da apostasia fiquem pela Coustituição privados daquelles direitos que a mesma Coustituição garante aos seus talentos e virtudes! Querem que sejam desmembrados do corpo politico em que estavam incorporados pelo seu nascimento e fiquem vivendo como estrangeiros no seu paiz natal! Finalmente, querem que o brasileiro seja meos contemplado que o estrangeiro que se fez brasileiro por adopção! Como, pois, combinam e conciliam os illustres membros estas suas opiniões

com a profissão de tolerancia tantas vezes repetidas? E' possivel que não vejam que são tão intolerantes como os nossos paes e que ainda que não sejam tão crueis e ferozes, são tão injustos e fascinados como elles? Não, senhores, não aberremos das mais depuradas luzes do seculo em que vivemos; conserve-se o paragrapho tal qual se acha. Para ser livre, não basta que a pessoa e os bens do cidadão estejam defendidos e seguros da oppressão, é tambem necessario que o seu espirito, desembaraçado das cadeias da tyrannia, possa seguir em liberdade as idéas que elle julga verdadeiras, uteis e necessarias á sua felicidade, etc.»

Carneiro de Campos accentúa diversas considerações demonstrando a improcedencia das proposições apresentadas por Silva Lisbôa. Insistiu em evidenciar a quasi impossibilidade, que cada homem sente, de abandonar idéas e muito mais as crenças religiosas nas quaes nasceu, creou-se e conservou-se desde a infancia.

Observa o ministro orador que a maioria dos homens não indaga nem verifica os motivos por que crêem na religião; uns, porque não sabem fazer tal exame, outros porque o julgam sem vantagem.

Depois de pulverizar toda a argumentação do visconde de Cayrú, concluiu ponderando: que a Assembléa não devia ter receios, que são inteiramente vãos, e que Silva Lisbôa, adverso á tolerancia e á liberdade religiosa, parecia querer legislar para uma raça humana diferente do que realmente existe. Terminaram a discussão Carneiro da Cunha e Vergueiro; ambos sustentaram e defenderam o artigo do projecto concernente á liberdade religiosa.

Foi um dos melhores debates que houve no recinto da Constituinte, tanto pela importancia da materia, quanto pela fórma e substancia dos discursos. A Camara, na continuação da sessão, se occupou de pareceres de commissões sobre objectos secundarios da administração, deixando adiado o § 3º do art. 7 da Coustituição.

Na sessão seguinte, (9 de outubro), encetou a discussão o deputado fluminense França, que fez observações, trovejou contra o Santo Officio e concluiu dizendo que, quanto ao artigo, melhor fôra omittir-se em todas as partes. Vergueiro começou, dizendo que a materia do § 3º tem sido discutida com grande interesse, mas que teem apparecido opiniões extranhas á doutrina do §, porque só tem lembrado apostasias que só pôdem promover a indignação e excitar desconfianças e receios. O representante de S. Paulo se refere ao discurso de Silva Lisbôa, que realmente suscitou

nos animos desagrangeis emoções. E ignora porque se levantam essas desconfianças e receios; pensa que ha um fim occulto, qual seja não sabe.

Antonio Carlos, sem tom nem som, como se fôra um raca, interrompe o orador: «Aqui nada se diz com proposito máu: mande v. ex., sr. presidente, entrar o nobre deputado na ordem.» Vergueiro replica: «o que digo é que se tem divagado por fóra da questão, e isso é que é faltar á ordem, porque é tratar daquillo que se não debate.

Nesse artigo, enumeram-se os direitos pessoas, individuaes, e no paragrapho aponta-se um deltes, que é a liberdade religiosa; ora, que ella constitúe um daquelles direitos é innegavel e aqui nada mais se diz. Entra-se, porém, a suppor uma liberdade religiosa absoluta e a clamar contra ella; mas esta questão é diferente e não tem logar neste paragrapho.» Vergueiro muito judiciosamente mostrou que, por consagrar a liberdade religiosa, não se confere a da apostasia, nem se falta ao juramento e, como Silva Lisbôa havia affirmado que nenhuma Coustituição concedera tão amplamente esta liberdade, Vergueiro responde que, na carta dada por Luiz XVIII á França, se consideram com egualdade todas as religiões, o que nós não fazemos, pois nos limitamos a reconhecer sómente a catholica para a religião do Estado; somos mais restrictos que os francezes. Vergueiro com viva emoção profere estas ultimas palavras: «O que nós não queremos é constrangimento; não queremos religião por violencia; nem a nossa, santa e pura como é, precisa de taes meios para ser seguida, quando elles não fôsem em si abominaveis e injustos.» Silva Lisbôa, acudindo aos reptos de tantos oradores, reaparece na tribuna.

EUNAPIO DEIRÓ.

CONFERENCIAS DO INSTITUTO. — Bem lamentamos que este pequeno pé de columna não nos permitta completar a noticia do nosso numero passado sobre a conferencia que a respeito dos *poetas do sertão* fez sabado, no Instituto, o jovem sr. Viriato Corrêa. Podemos, porém, dar testemunho de que, no espaço de uma hora, o conferente, num desembaraço muito «praciano», deu uma boa copia da poesia sertaneja. O auditorio, gostando de ouvir recitar os versos dos nossos matutos, mostrou que os estimava mais do que o conferente esperava.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Ainda no numero passado tivemos occasião de fazer referencia ao *Club Internacional de Xadrez*, de S. Paulo, pujante associação de 150 socios. Agóra temos de noticiar que o outro gremio enxadrístico daquella cidade, o *Club de Xadrez S. Paulo*, abre um torneio de problemas a premio, sob as seguintes condições:

«Art. 1º—Acha-se aberto um TORNEIO DE PROBLEMAS entre os compositores domiciliados no Brazil.

Art. 2º— O concorrente enviará um só problema em 2 lances, original, inédito, — mate directo, isto é; «As Brancas jogam e dão mate em 2 lances».

Art. 3º— Não se admittirão posições contrarias ás leis que regulam a Partida — *impossiveis* —, nem o Roque (em qualquer lance), nem Peão toma Peão *en passant*, como chave, ou 1º lance das Brancas.

Art. 4º— No caso de não ser original um problema premiado, passará o premio ao problema classificado em seguida.

Art. 5º— O problema deve ser distincto, guiado por uma *divisa*, escolhida pelo auctor e ser notado legivelmente num diagramma, mencionando-se o numero de peças brancas e pretas, com a solução completa. O nome e residencia do compositor serão incluídos noutro *enveloppe* que trará por fóra a mesma *divisa* adoptada.

Este segundo invólucro só será aberto depois de conhecido o julgamento.

Art. 6º— Os problemas devem ser remetidos até o dia 15 de outubro do corrente anno.

Art. 7º— Toda a correspondencia relativa ao Torneio deverá ser dirigida ao sr. dr. Mauricio Levy, rua 15 de Novembro, 33 — S. Paulo.

Art. 8º— Os problemas serão examinados e julgados pelos srs. Luiz Heinsfurter, director do *Club de Xadrez S. Paulo*, e dr. Mauricio Levy, presidente do mesmo Club e redactor da secção de Xadrez do *Diario Popular*.

Art. 9º— Serão distribuídos os seguintes premios:

1º Premio — Medalha de ouro.

2º Premio — Medalha de prata.

3º Premio — O volume encadernado — *Caissana Brasileira*, offerta do sr. dr. Levy.

4º Premio — Menção honrosa.

Art. 10º— As decisões particulares, relativas ao torneio, serão publicadas em tempo opportuno.

Ou S. Paulo, ou o Rio de Janeiro, onde não ha um club de xadrez, onde ha muito tempo não se fala em um torneio de problemas e onde os torneios de partidas são acontecimentos raros, e assim mesmo devidos á complacencia do Club dos Diarios!

**

PILLSBURY

O grande mestre, Harry Nelson Pillsbury, falleceu em Philadelphia, em 17 de

junho passado, aos 34 annos de idade. E' das perdas irreparaveis essa. Esse extraordinario campeão chegou a jogar, ha dois ou tres annos, em Moscow, 22 partidas simultaneas *sem vet os taboleiros*. Chega a ser incomprehensivel.

**

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

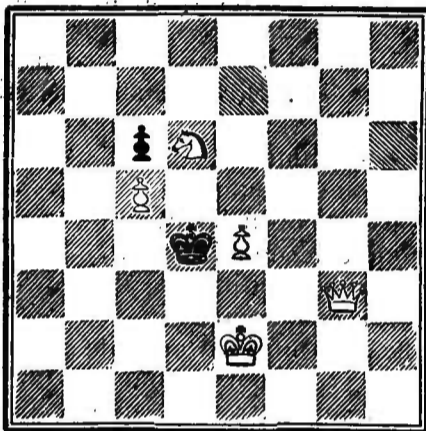
Está aberta a inscripção para este torneio, que começará do dia 15 do corrente mez provavelmente. No proximo numero, daremos detalhes.

**

PROBLEMA N. 59

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (2)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

**

PARTIDA N. 65

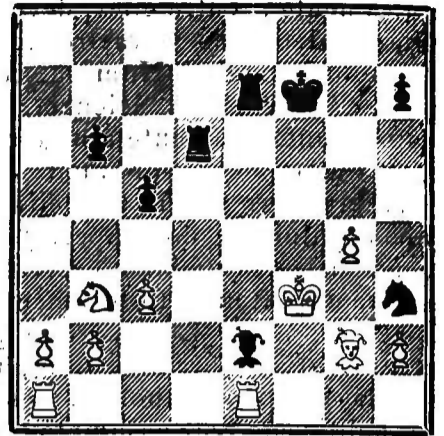
(Jogada no torneio de mestres de Ostende, a 6 de junho de 1906)

GAMBITO DO REI RECUSADO

Defeza Falkbeer

| <i>Brancas</i> | | <i>Pretas</i> |
|----------------|--------|---------------|
| (Maroczy) | | (Burn) |
| P 4 R | — 1 — | P 4 R |
| P 4 B R | — 2 — | P 4 D |
| P X P D | — 3 — | P 5 R |
| P 3 D | — 4 — | C 3 B R |
| P X P | — 5 — | C X P R |
| C 3 B R | — 6 — | B 4 B D |
| D 2 R | — 7 — | B 7 B R x (a) |
| R 1 D | — 8 — | D X P x |
| C R 2 D (b) | — 9 — | P 4 B R |
| C 3 B D | — 10 — | D 5 D |
| C D X C | — 11 — | P X C |
| P 3 B D | — 12 — | D 6 R |
| C X P | — 13 — | D X D x |
| B X D | — 14 — | B 3 C D |
| C 5 C R | — 15 — | C 3 B D |
| T 1 R | — 16 — | C 2 R |
| B 3 B R (c) | — 17 — | P 3 B D |
| B 3 R | — 18 — | B 4 B R (d) |
| P 4 C R | — 19 — | B 6 D |
| C 6 D | — 20 — | R 2 B |
| C X P (e) | — 21 — | T R 1 D! (f) |
| C 6 R | — 22 — | T 3 D |
| B X B | — 23 — | P X B |
| C 4 D (g) | — 24 — | P 4 B D |
| C 3 C D | — 25 — | C 3 C R |
| R 2 D | — 26 — | C X P |
| R 3 R | — 27 — | C 6 T R |
| B X P | — 28 — | T 2 T D |
| B 2 C R | — 29 — | T 2 R x |
| R 3 B | — 30 — | B 7 R!! (h) |
| abandonam (i) | — 31 — | |

Depois do 30º lance das Pretas



(a) Este xaque é desfavoravel; Alapin fez delle uma analyse, concluindo pela vantagem das Brancas, no *Wiener Schachzeitung*, de 1897. O sr. Burn só se apercebeu dois golpes mais tarde, quando já estava embaraçado.

(b) Optimo lance de Alapin; o C D é reservado para atacar a dama.

(c) Variante bem conhecida, todavia interessante, jogada por dois mestres de tamanho valor. O lance do texto não é bom, se não é seguido de um jogo muito fino. As Brancas devem ter em conta a fraqueza da sua linha da dama e um jogador menos subtil que Maroczy, vendo que a resposta B 4 B R pôde se tornar perigosa, teria simplesmente jogado 17 — B 3 D seguido de R 2 B com um pião demais e uma partida facil.

(d) A partir deste momento as Pretas de um modo desesperado atacam o R adverso.

(e) Continuação falsa. Deviam contentar-se momentaneamente com ter um pião de mais e uma posição superior até ao momento em que o seu R estivesse em segurança. 21 — C 5 C R x teria forçado o R preto a entrar de novo, separando as duas torres, porque si ... R 3 B ou 3 C, então 22 — B X B, P X B; 23 — T 6 R mate.

(f) Agóra as Pretas têm um bom jogo, apesar dos dois piões de menos.

(g) A posição das Brancas não é desesperada: deveriam ter jogado 24 — C 5 C R x, seguido de R 1 B ou R 2 D.

(h) Um verdadeiro lance de problema!
(i) De facto. Si 31 — T X B, T 6 D x, e mate no lance seguinte. E, si 31 — R 3 C, T 6 R x; 32 — R 4 T, T 3 T R mate.

(Notas de Gunsberg e Hoffer.)

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 58 (G. Hechtote): 1 — T 2 B D, R 4 B (a, b, c, d) 2 — D 3 T D x, ?; 3 — C ou B mate.

(a) 1... P 4 C D; 2 — C 5 B R x, R 4 B; 3 — D 6 D mate.

(b) 1... C 6 D; 2 — D 3 R x, ?; 3 — C mate.

(c) 1... C 6 R; 2 — D 4 B R x, R 6 D; 3 — D 4 R mate.

(d) 1... C 5 T D; 2 — C 6 B D x, R 4 B; 3 — D 5 R mate.

JOSÉ GUTULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispoño de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.